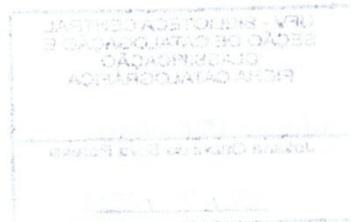


HEIDI JANCER FERREIRA

**O PERCURSO DE MULHERES COMO TÉCNICAS ESPORTIVAS NO
BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012



**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T	Ferreira, Heidi Jancer, 1988-
F383p	O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil /
2012	Heidi Jancer Ferreira. – Viçosa, MG, 2012. vi, 93f. : il. (algumas col.) ; 29cm.
	Inclui anexo. Inclui apêndices. Orientador: José Geraldo do Carmo Salles. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa. Referências bibliográficas: f. 76-85
	1. Treinadores atletas. 2. Esportes. 3. Mulheres. 4. Mulheres nas profissões. 5. Discriminação de sexo no emprego. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.
	CDD 22. ed. 796.077

HEIDI JANCER FERREIRA

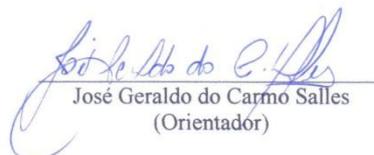
**O PERCURSO DE MULHERES COMO TÉCNICAS ESPORTIVAS NO
BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título *Magister Scientiae*.

APROVADA: 24 de abril de 2012.


Andrea Moreno


Ludmila Mourão
(Coorientadora)


José Geraldo do Carmo Salles
(Orientador)

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. [...] Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.

Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se poderes.

Michelle Perrot, 1988 (p.212; 167)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela luz e bênçãos durante todo esse percurso.

À Universidade Federal de Viçosa e ao Departamento de Educação Física e seus funcionários pela acolhida e boa formação.

Ao meu professor e orientador José Geraldo do Carmo Salles pelo exemplo, pela compreensão, pela disponibilidade de sempre para me dar auxílio e principalmente, pela confiança depositada em mim.

À professora e coorientadora Ludmila Mourão, pelo suporte e pela disponibilidade em aceitar meu convite.

À professora Andrea Moreno pela disponibilidade em participar de parte desse processo.

Aos meus familiares e namorado, pelo apoio constante e equilíbrio que sempre me deram, em especial minha mãe, pela companhia nas viagens de campo.

Aos amigos de república, amigos de perto e de longe, companheiros de mestrado, em especial minha parceira Dallila Benfica que estiveram ao meu lado e me fizeram companhia em tantos momentos.

Às informantes do estudo Andréa Boheme, Francisléia Almeida, Janaína Alexandrino, Kátia Amanajás, Kátia Lemos, Laís Elena, Mariella Sales, Marluce Marques, Rosane Carneiro, Rosicléia Campos, Maria José Sales e Maria José de Almeida, pela receptividade e confiança no trabalho.

Aos clubes, federações e confederações esportivas brasileiras pelas informações concedidas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo investimento nesse trabalho.

Por fim, agradeço à Viçosa por ter tornado esses últimos anos em uma grande experiência.

ÍNDICE

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
1. INTRODUÇÃO GERAL	1
2. ARTIGOS	
2.1. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil	5
2.2. A carreira da técnica esportiva no Brasil	25
2.3. Notas sobre as barreiras encontradas pela treinadora esportiva brasileira.....	51
3. CONCLUSÕES GERAIS	73
4. REFERÊNCIAS	76
5. APÊNDICES.....	86
5.1. Roteiro de entrevista para técnica.....	86
5.2. Formulário - perfil das técnicas.....	87
5.3. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	88
5.4. Termo de autorização e cessão de direitos de imagem e som.....	91
6. ANEXO.....	92
6.1. Ofício de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa.....	92

RESUMO

FERREIRA, Heidi Jancer, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2012. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.** Orientador: José Geraldo do Carmo Salles. Coorientadora: Ludmila Mourão.

No cargo de técnica esportiva, o campo de atuação ainda se encontra muito limitado para o público feminino. Inserido nesse contexto, este estudo teve como objetivo geral analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. A pesquisa se propôs a identificar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo; conhecer as vias de acesso e estratégias utilizadas por técnicas para a inserção, ascensão e permanência no posto; conhecer as barreiras enfrentadas por elas; e fazer um levantamento quantitativo da atuação de técnicas no Brasil em nível nacional e estadual. O referencial teórico adotado foi a metáfora do “teto de vidro” e a teoria das estruturas determinantes (KANTER, 1993). Participaram do estudo treze técnicas atuantes em âmbito estadual, nacional e mundial, dos seguintes esportes: natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, futsal, futebol, handebol e basquetebol. O levantamento quantitativo da representatividade feminina no Brasil foi feito com todas as confederações e com uma amostra de 259 federações esportivas. O método de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com o suporte de formulário de elaboração própria. Também foram realizadas consultas via *email* e telefone com federações e confederações esportivas. Os dados foram analisados de acordo com a técnica de análise categórica (BARDIN, 2008). Os resultados indicaram que as principais formas de inserção no cargo foram a “condução” e o convite. Verificou-se que a permanência das treinadoras é garantida principalmente pela credibilidade adquirida com a demonstração de resultados. As principais barreiras enfrentadas por elas foram o domínio masculino, o preconceito, a aceitação de pais e atletas, o conflito da vida pessoal *versus* vida profissional, a remuneração e o estereótipo de homossexualidade. Constatou-se que, no Brasil, as mulheres representam apenas 7% dos técnicos. Como motivos para a pequena atuação feminina no cargo emergiram as barreiras enfrentadas pelas técnicas; a dificuldade de ascensão; a aceitação feminina da exclusão; a falta de mulheres com perfil; e a desistência da carreira. Concluiu-se que a carreira de comando esportivo no Brasil ainda se encontra voltada para os homens.

ABSTRACT

FERREIRA, Heidi Jancer, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2012. **Women as coaches in Brazil**. Adviser: José Geraldo do Carmo Salles. Co-adviser: Ludmila Mourão.

In coaching profession the playing field is still very limited for the female audience. Inserted in this context, this study intended to analyze the presence of women as coaches in Brazil. The research aimed to identify what are the reasons associated with low female representation in this position. It also wanted to know the ways and strategies adopted by coaches for accessing, rising and staying in the job. It aimed to know the barriers faced by them and to do a quantitative survey of the presence of coaches in Brazil at national and state level. The theoretical approach was the metaphor of the "glass ceiling" and "Determinant structures' theory" (Kanter, 1993). Participants were thirteen female coaches of the following sports: swimming, diving, aerobics, judo, soccer, handball and basketball. The quantitative survey of female representation in Brazil was made with all the confederations and a sample of 259 sports federations by phone and email. The method of data collection was semistructured interview, supported by a form. Data were analyzed according to the technique of categorical analysis (Bardin, 2008). The results indicated that the main ways to get the job were "driving" and invitation. It was found that the maintenance of the coaches is guaranteed primarily by credibility obtained from wins. The main barriers faced by them were male dominance, prejudice, non-acceptance of parents and athletes, conflict of personal life versus professional life, low salaries and stereotype of homosexuality. It was found that, in Brazil, women represent only 7% of coaches. As reasons for the low female engagement in coaching the study found barriers faced by women, difficulty of rising in the career, acceptance of women's exclusion, lack of women that fit in profile for the job and resigning. It was concluded that career of coaching in Brazil is still geared towards men.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Quando predominava o conhecimento mitológico e religioso, as mulheres detinham poder relativo à capacidade de procriação. Isso porque os povos não sabiam como se dava a reprodução, dessa forma, as mulheres eram vistas como deusas. Quando o homem descobriu que ele também era fundamental no processo reprodutivo, passou a assumir o poder perante a mulher. Desde que os homens triunfaram sobre as deusas, tornou-se necessário colocar a mulher, antes poderosa, em seu devido lugar. Para dominá-la com maior facilidade, tudo o que dizia respeito a ela passou a ser desvalorizado (LOBO, 2005). Desde então, o poder está no centro das relações entre homens e mulheres (PERROT, 1988). Para Bourdieu (2009), as estruturas de dominação masculina são produto de um trabalho incessante de reprodução, realizado pelos homens com a contribuição de instituições, como a família, a escola, o Estado e a Igreja. Já dentro de casa, a menina é educada para a divisão sexual do trabalho. Por meio da educação, transmitem-se e reforçam-se valores ideológicos sobre a posição feminina na sociedade.

No século XIX, a burguesia impôs sua concepção dos papéis por meio de uma rigorosa separação dos sexos. Acentuou-se ainda mais a diferenciação das funções, dos papéis e espaços entre homens e mulheres (PERROT, 1988).

Em meio à ordem social de dominação masculina, o esporte surgiu e se consolidou como prática dos homens. De acordo com Mandell (1986), na Grécia Clássica, da mesma forma como ocorria com as demais manifestações culturais, a participação em atividades lúdicas e esportivas era uma prerrogativa exclusivamente masculina. E mesmo após toda sua expansão para outros países e continentes, o esporte continuou sendo um patrimônio masculino. Desde então, o ambiente esportivo consiste em um lugar de afirmação da identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre os gêneros (COELHO, 2009). Essa associação do esporte com a masculinidade é ainda a mais poderosa barreira contra a permanência de mulheres nesse campo.

Embora o espaço esportivo tenha se consolidado como avesso às mulheres, elas foram pouco a pouco garantindo a sua inserção. Como atletas de esporte de alto rendimento, elas foram gradativamente aumentando a participação e recentemente alcançaram representatividade quase semelhante à dos homens em Jogos Olímpicos Modernos.

Entretanto, a conquista feminina de espaço significativo no esporte brasileiro ainda parece estar limitada à condição de atleta. Na esfera administrativa e de comando técnico, elas permanecem à margem do domínio masculino. São homens que organizam e deliberam sobre os rumos do esporte nacional, tanto na categoria masculina quanto na feminina. Nos principais órgãos de administração esportiva são eles que estão à frente das tomadas de decisões. Nos grandes clubes esportivos brasileiros, são homens que ocupam os mais altos cargos. E, na maioria das equipes esportivas, desde a base até o alto rendimento, também os treinadores¹ do sexo masculino estão em maior número. E, assim, essa desigualdade se repete nas funções de auxiliar técnico, arbitragem e preparação física. Essa situação é problemática, uma vez que limita o crescimento e a valorização do esporte feminino.

Como mencionado, a representatividade de mulheres no cargo de técnica ainda é muito baixa. Questiona-se, então, por que existem tão poucas mulheres atuando nessa profissão. No contexto esportivo, o processo de inserção e ascensão de mulheres em carreiras de comando tem se dado de forma muito tímida, constituindo-se um importante foco para estudos. Portanto, torna-se relevante estudar a trajetória de técnicas para se obter uma melhor compreensão sobre a carreira de treinadora esportiva, considerando as relações de gênero que a permeiam.

Inserido num contexto multifacetado das relações da mulher com o esporte, com o trabalho e com a família, este estudo teve como objetivo principal analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, buscando elucidar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo. Como objetivos específicos, a pesquisa se propôs a identificar as vias de acesso e estratégias utilizadas por técnicas brasileiras para a inserção, ascensão e permanência no cargo; conhecer as barreiras

¹ Os termos treinador esportivo e técnico são utilizados no trabalho como sinônimos.

enfrentadas por elas; e fazer um levantamento quantitativo da atuação de mulheres como técnicas no Brasil.

O presente trabalho está organizado sob o formato de três artigos científicos. Cada um aborda uma ou mais das cinco categorias temáticas de análise que emergiram dos dados: acesso ao cargo, atuação como treinadora, permanência no cargo, barreiras enfrentadas e razões de haver poucas técnicas. O primeiro texto, intitulado “A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil”, baseia-se nas narrativas das informantes, nos números nacionais e internacionais sobre a atuação feminina em cargos de comando esportivo, na metáfora do “teto de vidro” e na teoria das estruturas determinantes de Kanter (1993) com o intuito de revelar quais são os reais motivos que limitam a presença de mulheres brasileiras na profissão de treinadora esportiva. O segundo artigo, “A carreira da treinadora esportiva no Brasil”, traz a trajetória esportiva de treze técnicas e analisa o processo de inserção, ascensão e permanência dessas mulheres no comando esportivo. O terceiro e último texto, com o título “Notas sobre as barreiras enfrentadas pela treinadora esportiva brasileira”, identifica e discute quais são as principais dificuldades encontradas pelas técnicas em sua atuação profissional.

O fenômeno do “teto de vidro”, utilizado principalmente no ambiente organizacional, refere-se à barreira invisível que impede as mulheres de alcançarem posições de liderança e as restringe a funções subordinadas, na base da pirâmide hierárquica. De forma geral, o termo é aplicável em carreiras nas quais as mulheres enfrentam grandes dificuldades de ascensão. O sentido figurativo da expressão indica que, pela transparência do vidro, as mulheres conseguem visualizar acima delas os mais altos cargos, entretanto, ao tentar atingi-los, elas se deparam com a parede. Para ultrapassar o teto, é preciso quebrá-lo. Porém, em alguns casos, o vidro parece inquebrantável (ROCHA, 2006).

A teoria das estruturas determinantes, elaborada por Kanter em 1977 e atualizada em 1993, também foi desenvolvida a partir do modelo organizacional. Ela propõe que as diferenças experimentadas entre homens e mulheres no ambiente de trabalho não são devidas às características individuais, e sim às variáveis estruturais: *oportunidade, poder e proporção*. Em função da configuração do sistema, as mulheres

encontram menores chances de inserção e mobilidade em cargos de comando e, quando conseguem ocupar tais postos, elas representam uma minoria simbólica e possuem pouco poder dentro da instituição. Assim, acabam não tendo visibilidade no campo de atuação.

Em suma, este estudo, fundamentado no referencial teórico descrito acima, apresenta a descrição e análise dos aspectos determinantes de sucesso e fracasso na carreira de treinadora esportiva no Brasil.

2. ARTIGOS

2.1 A BAIXA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES COMO TÉCNICAS ESPORTIVAS NO BRASIL

RESUMO

O estudo buscou identificar e analisar as razões associadas à baixa representatividade feminina no cargo de técnica. As informantes foram treze técnicas de oito modalidades. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e consultas com entidades esportivas. Constatou-se que as mulheres representam apenas 7% dos técnicos brasileiros. Como motivos para a pequena atuação feminina no cargo emergiram as barreiras enfrentadas pelas técnicas; a dificuldade de ascensão; a aceitação feminina da exclusão; a falta de mulheres com perfil; e a desistência da carreira. Concluiu-se que o domínio masculino nesse campo de atuação limita a inserção de mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Esportes. Treinamento.

INTRODUÇÃO

O mundo esportivo tem presenciado, desde o final do século XIX, o envolvimento e a inserção das mulheres nesse espaço. A participação feminina em competições de alto rendimento aumentou consideravelmente ao longo dos anos. Os discursos sociais e biológicos que condenavam a prática esportiva feminina foram gradativamente perdendo a sua força. De tal modo, hoje, não se questiona como antes a capacidade atlética das mulheres.

Entretanto, a conquista do espaço feminino no esporte pode ser considerada de alcance apenas parcial. No que se refere ao comando esportivo, são os homens que ainda prevalecem. As esferas administrativas do esporte, incluindo os cargos de direção e de tomadas de decisão, constituem espaço de domínio masculino. Isso porque a

associação entre autoridade e masculinidade ainda tem grande força na percepção das pessoas (NORMAN, 2010). Esse quadro de desigualdade entre homens e mulheres na direção esportiva provoca questionamentos. Em 1995, no Centésimo Congresso Olímpico, discutiu-se o pequeno número de mulheres em posições de liderança e fizeram-se recomendações (PFISTER, 2004). Uma delas refere-se à criação de incentivos para desenvolver as mulheres como treinadoras e administradoras esportivas (FASTING, 2004; PFISTER, 2004). Desde então, metas foram estipuladas e políticas foram sugeridas para fomentar a participação feminina em cargos de direção técnica e administrativa. O Comitê Olímpico Internacional (2010) estabeleceu que, em 2005, a proporção de mulheres em cargos dessa natureza deveria atingir 20%. Porém, os números demonstram que essa meta não foi alcançada por muitos países. O assunto vem sendo timidamente discutido, e as recomendações e metas traçadas ainda não se efetivaram na prática.

No cargo de técnica esportiva, o campo de atuação ainda se encontra muito limitado para o público feminino. Para se inserir e progredir na carreira elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários.

Neste contexto, a dificuldade das mulheres em se inserirem na carreira de treinadora esportiva tem se configurado como uma situação emblemática. Questiona-se, então, por que existem tão poucas mulheres atuando nessa profissão, e o que limita o acesso e a ascensão feminina nessa carreira. Tomando essas indagações como ponto de partida, este estudo tem como principal objetivo analisar o percurso de mulheres como técnicas no Brasil, buscando elucidar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo.

NÚMEROS DAS MULHERES NO COMANDO ESPORTIVO

Atualmente, no Comitê Olímpico Internacional, as mulheres respondem por cerca de 19% dos seus membros (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2012). Nos órgãos executivos dos Comitês Olímpicos Nacionais existentes no mundo, elas ocupam 20,5% do efetivo e nas federações internacionais esse número é de 17,6% (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2010). No comando dos principais órgãos da administração esportiva do Brasil (Ministérios dos Esportes, Comitê Olímpico

Brasileiro, Comitê Paraolímpico Brasileiro, Confederações Esportivas e a Comissão Nacional de Atletas), as mulheres representam 14% do total e nas presidências das federações esportivas a proporção é ainda menor, apenas 7% (MOURÃO; GOMES, 2004). Em Portugal, dentre 29 federações de modalidades olímpicas existem 824 membros, dos quais apenas 131 são mulheres. Dessas, somente 29 atuam em cargos de direção (PINTO, 2009). Na Espanha, como membros de órgãos e federações, elas constituem 9,98% do total (FERNÁNDEZ; VENTURA, 2007). Na administração esportiva dos Estados Unidos, atingem os 20,3%.

Em relação ao cargo de técnica esportiva, Souza de Oliveira (2002) apontou que, no Brasil, em nove grandes clubes do Rio de Janeiro que contam com centenas de técnicos atuando, apenas 34 são mulheres, sendo que 22 delas atuam nas categorias de base. Na Espanha, do total de 777 técnicos, em 2002, 103 eram mulheres, o que corresponde a 13,26% do total. Em 2006, esse percentual elevou-se para 22,12% (FERNÁNDEZ; VENTURA, 2007). Na França, o estudo realizado por Chimot (2003 *apud* PINTO, 2009), com 143 federações, identificou que no cargo de treinador nacional as mulheres correspondem a 18,8%. No Reino Unido, elas representam somente 4% do total de técnicos nacionais de equipes femininas (NORMAN, 2010). No Canadá, na delegação enviada para os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, a participação feminina foi de 10,5% do total de treinadores (DAVIS, 2000). No esporte universitário, as canadenses correspondem à minoria de 20% como técnicas (READE, RODGERS; NORMAN, 2009). Nos Estados Unidos, em 1978, por volta de 90% das equipes femininas tinham mulheres como técnicas. Com o impacto do feminismo e da aplicação do *Title IX*² em 1972, a participação de mulheres como atletas aumentou, entretanto, não houve crescimento concomitante na proporção de técnicas. Ao contrário, observou-se um declínio (KNOPPERS, 1994). Em 1992, o número de programas esportivos femininos comandados por mulheres caiu de 90% para apenas 17%. De 1978 até 1992, das 1.744 novas oportunidades criadas para o esporte feminino americano,

² *Title IX* é a legislação federal que proíbe a discriminação sexual nos programas educacionais que são financiados com recursos nacionais. Ela foi promulgada nos Estados Unidos, em 1972, e passou a vigorar a partir de 1978, causando grande impacto no contexto esportivo (ACOSTA; CARPENTER, s/d).

76% foram para os homens (ACOSTA; CARPENTER, 1994). Em 2012, a representatividade de técnicas atuantes em equipes femininas já alcança 42,9%; em equipes masculinas ainda se limita entre 2 e 3%; e, no total, em equipes masculinas e femininas, esse número é de 20%. Nos Estados Unidos, entre 200 e 300 mulheres treinam equipes masculinas, enquanto 5.300 homens treinam equipes femininas (ACOSTA; CARPENTER, s/d).

Em suma, os dados indicam que a administração esportiva, em âmbito nacional e internacional, ainda se encontra sob o predomínio de homens. De forma semelhante, se apresenta o cargo de treinador esportivo, no qual as mulheres constituem minoria. Acosta e Carpenter (s/d) observaram que os números nos postos administrativos e técnicos possuem estreita relação, já que onde há mais mulheres com poder de decisão e contratação, também há maior presença feminina como treinadoras. Pfister (2004) encara essa situação como um problema, já que são homens que na maioria das vezes decidem pelo esporte feminino. A autora defende que é preciso que as mulheres tenham controle e poder de decisão sobre sua própria prática, caso contrário, estarão sempre submissas aos interesses masculinos.

O FENÔMENO DO “TETO DE VIDRO”

A baixa representatividade de mulheres em cargos de comando tem sido explicada por meio da metáfora do “teto de vidro”. Essa expressão, já consagrada em estudos organizacionais e de gênero, surgiu em 1985 no *Wall Street Journal* com o termo americano *glass ceiling* (ROCHA, 2006). Desde então, vem sendo entendida como a barreira artificial e invisível que impede o acesso de mulheres a cargos de liderança e hierarquia superior, considerados inatingíveis para elas (ROCHA, 2006). O significado figurativo da expressão “teto de vidro” indica que as mulheres ocupam posições inferiores, a partir das quais elas visualizam os postos acima delas por meio da transparência da parede de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la. Esse fenômeno evidencia que a maioria das mulheres se limita a ocupar a base da pirâmide de organização hierárquica, expondo a exclusão feminina em setores específicos. Exclusão essa que não tem a ver com falta de habilidade e capacidade das mulheres, mas com o simples fato de serem mulheres (ROCHA, 2006). Não havendo permeabilidade, para

superar esse bloqueio e alcançar os altos cargos é preciso que elas consigam quebrar ou estilhaçar o “teto de vidro”.

Vários modelos teóricos³ surgiram na área econômica nas décadas de 1950 e 1970 buscando explicar esse fenômeno de discriminação no mercado de trabalho, com relação à desigualdade de rendimentos que não é explicada por atributos produtivos. De forma geral, eles propõem que a motivação do preconceito é pessoal, podendo vir dos empregadores, trabalhadores ou consumidores (Modelo de Becker⁴) ou é estatística, pois se baseia nas informações disponíveis sobre os grupos durante o processo de contratação (Modelos de Phelps; Aigner e Cain; Spencer⁵). Seja por um motivo ou outro, os empregadores optam por selecionar homens em detrimento das mulheres. Com isso, eles agem como se elas fossem menos produtivas, o que leva à desigualdade sexual dos salários (SANTOS, 2005).

Uma das características do fenômeno de “teto de vidro” é a sua “pervasividade”, o que significa que está presente e é percebido em todos os lugares (STEIL, 1997). De tal modo, ele também é observado no mundo esportivo, no que diz respeito à atuação de mulheres como técnicas. Romariz (2008) acredita que a dificuldade de acesso e ascensão de mulheres a cargos de prevalência masculina deve-se ao preconceito em relação ao envolvimento da mulher no campo do comando esportivo, bem como da inexistência de políticas que incentivem e ampliem a inserção feminina.

A TEORIA DAS ESTRUTURAS DETERMINANTES

³ Em economia, a discriminação é definida como tratamento desigual de iguais baseado em critérios irrelevantes para a atividade em si. Ela se refere basicamente às diferenças de rendimentos recebidos devido a atributos como sexo, raça, nacionalidade, etc (SANTOS, 2005).

⁴ O modelo de Becker, desenvolvido em 1957, enfatiza que a motivação do preconceito é pessoal, podendo partir do empregador, dos outros trabalhadores e dos consumidores. Como a produtividade real das mulheres é desvalorizada pelos empregadores, então elas devem oferecer seus serviços a um preço mais baixo que os homens para competir pelo emprego (SANTOS, 2005).

⁵ Os três modelos são muito parecidos e apresentam a ideia central de que o empregador não consegue observar a produtividade real dos trabalhadores e a inferem com base em alguma informação disponível, como o sexo. Phelps em 1972, Spencer em 1973 e Aigner e Cain em 1977, concluíram, por meio de equações, que se os empregadores percebem que as mulheres, em média, possuem produtividade menor que os homens, então elas receberão salários menores em relação a eles. Na decisão de contratar, os empregadores consideram o indivíduo apenas como integrante de um grupo, sem levar em conta suas habilidades.

Kanter (1993) desenvolveu uma teoria baseada no modelo organizacional com a finalidade de compreender as desigualdades entre homens e mulheres nas corporações. Essa teoria tem sido aplicada no contexto esportivo para compreender a pequena atuação de mulheres no cargo de técnica (KNOPPERS, 1994; ACOSTA; CARPENTER, 1994; KILTY, 2006; READE, RODGERS; NORMAN, 2009; NORMAN, 2010; KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010).

Ainda segundo Kanter (1993), os problemas enfrentados, principalmente pelas mulheres, são provenientes da estrutura do sistema e não são individuais. Em sua proposta teórica, ela descreve que existem três determinantes estruturais que podem explicar as diferenças experimentadas entre os sexos no ambiente de trabalho. Essas três dimensões foram denominadas como oportunidade, poder e proporção.

Oportunidade se refere às expectativas e perspectivas futuras de inserção, mobilidade e ascensão na carreira. Os profissionais com poucas oportunidades tendem a limitar suas aspirações, a valorizar sua competência menos do que o ideal e a não buscar mudanças nesse quadro.

A estrutura de poder é definida como a capacidade da pessoa em atuar eficientemente dentro dos limites do sistema e é determinada pelas características formais do cargo e das alianças informais estabelecidas. O poder é afetado por fatores como a visibilidade e a relevância da função. Pessoas com pouco poder tendem a se comportar de forma autoritária, a serem mais inseguras e, portanto, mais controladoras.

A variável proporção se refere à composição quantitativa de pessoas com características semelhantes dentro do grupo. Por exemplo, o caso das mulheres. Conforme Kanter (1993), quando um grupo é sub-representado numa ocupação com menos de 15% do efetivo ele é encarado como mero símbolo. Ela descreve que esses grupos simbólicos vivenciam um isolamento das redes de contatos e em relação ao grupo dominante. Profissionais que pertencem a uma minoria tendem a se sentir mais pressionados para se adequarem ao sistema, a encontrar mais dificuldades para obter credibilidade, a encontrar menos suporte de outras pessoas, a serem rotulados com estereótipos e a experimentarem mais estresse.

Os três determinantes interagem em forma de retroalimentação, o que significa que oportunidades criam mais oportunidades, assim como poder gera mais poder. Essa inter-relação produz um ciclo de vantagens para o grupo dominante e um ciclo de desvantagens para o grupo minoritário. De tal modo, uma vez iniciado, é extremamente difícil para uma pessoa quebrar esse fluxo (KANTER, 1993).

MÉTODOS

Este estudo buscou descrever e analisar a baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas, sendo, portanto, do tipo descritivo. Quanto ao tipo de abordagem, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa.

A técnica empregada para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com o suporte de um formulário de elaboração própria para caracterizar o perfil de cada informante. Na análise dos dados foi adotada a técnica de análise categórica proposta por Bardin (2008).

Participantes

Os sujeitos de pesquisa foram mulheres que atuam como técnicas esportivas no Brasil. Fizeram parte deste estudo treze técnicas atuantes em âmbito estadual, nacional e internacional, dos seguintes esportes: natação (4), saltos ornamentais (1), ginástica aeróbica (1), judô (1), futsal (1), futebol (1), handebol (3) e basquetebol (1). As participantes foram selecionadas intencionalmente, de acordo com a acessibilidade e conveniência.

O levantamento quantitativo da representatividade feminina no Brasil foi feito com as confederações de modalidades olímpicas. Foi utilizada uma amostra de 259 federações esportivas distribuídas entre todos os estados e entre vinte e duas modalidades esportivas (esportes aquáticos, atletismo, *badminton*, basquete, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginásticas, handebol, hipismo, judô, levantamento de peso, pentatlo, remo, *taekwondo*, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo e voleibol). A taxa de resposta foi de 44% do total de federações procuradas. A distribuição das entidades consultadas por regiões é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição da amostra de federações esportivas por região do país.

Região	Universo de federações	Amostra (n)	Amostra (%)
Norte	154	63	40,9
Nordeste	198	85	42,9
Centro-oeste	88	38	43,2
Sudeste	88	42	47,7
Sul	66	31	47,0

Fonte: dados da pesquisa.

As modalidades selecionadas neste estudo – tanto de trabalho das informantes como das federações pesquisadas – são aquelas praticadas por homens e mulheres. Os esportes exclusivamente femininos, como a ginástica rítmica desportiva e o nado sincronizado, foram excluídos da amostra para não afetarem os dados, pois eles já pressupõem a presença feminina.

Procedimentos

Foi feito um levantamento do número de mulheres que atuam como técnicas de equipes a nível nacional (em seleções) e estadual. Essa etapa foi realizada a partir de buscas nos *sites* das confederações e federações de cada modalidade, quando a informação se encontrava disponível. Quando não, a consulta se deu via *email* e telefone. Os dados obtidos foram compilados em *Microsoft Excel* e analisados conforme a determinação de percentuais.

Após a identificação e o contato com as possíveis informantes foram agendadas as entrevistas. A participação das informantes se deu de forma voluntária após a explanação dos objetivos e procedimentos do estudo, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes autorizaram, em termo específico, o uso de gravador e a exposição de seus nomes verdadeiros na pesquisa.

Antes da entrevista propriamente dita, foi aplicado um formulário de identificação visando obter informações para caracterizar o perfil das participantes em termos de dados gerais, formação esportiva e acadêmica, e atuação profissional. As questões da entrevista abordavam os seguintes temas: trajetória na vida esportiva, acesso ao cargo de técnica, atuação como técnica, barreiras enfrentadas, razões para permanência no posto e para a ausência de outras mulheres. As entrevistas foram transcritas e enviadas para as informantes. Feitas as alterações desejadas pelas técnicas, as respostas foram analisadas e interpretadas tendo como referência a técnica de análise categórica (BARDIN, 2008). Os dados foram submetidos a leituras flutuantes com o objetivo de detectar temas comuns e relevantes entre os discursos das mulheres. Como pressupõe a técnica adotada, foram estabelecidas unidades de análise e categorias temáticas úteis para alcançar o objetivo de pesquisa. Categorias iniciais foram condensadas em outras intermediárias e novamente redefinidas nas finais. A interpretação se deu por meio do cruzamento dos dados numéricos e qualitativos com o quadro teórico pertinente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em três tópicos: perfil das participantes, panorama nacional da atuação de técnicas e razões associadas à baixa representatividade feminina no cargo de técnica.

Perfil das participantes

As informantes entrevistadas são: Andréia Boheme (Saltos ornamentais/Fluminense Futebol Clube/RJ e seleção Brasileira); Francisléia Almeida (Handebol/Associação Montesclarence de Handebol/MG); Janaína Alexandrino (Futebol/Associação de Futebol Real Minas/MG); Kátia Amanajás (Handebol/Praia Tênis Clube/ES); Kátia Lemos (Ginástica aeróbica/Universidade Federal de Minas Gerais/MG e seleção Brasileira); Laís Elena (Basquetebol/Santo André/SP); Livia Caroline (Natação/Mackenzie/MG); Mariella Sales (Futsal/Santa Cruz/MG); Marluce Marques (Natação/Fluminense Futebol Clube/RJ); Rosane Carneiro (Natação/ ex-técnica olímpica); Rosicléia Campos (Judô/Clube de Regatas do Flamengo/RJ e seleção brasileira feminina); Maria José Sales – Zezé (Handebol de quadra e areia/Z5, Clube

Mauá, Niterói Rugby/RJ e auxiliar técnica da seleção brasileira feminina/areia); e Maria José de Almeida - Zezinha (Natação/Minas Tênis Clube/MG).

Por meio dos dados apresentados na Tabela 2, verificou-se que entre as participantes do estudo existe uma predominância das mulheres solteiras, sem filhos, que possuem outra profissão e que não estão satisfeitas com a remuneração recebida.

Tabela 2 – Caracterização do perfil das participantes (n=13)

Idade (média)	44,5 anos
Tempo de formação acadêmica (média)	20,8 anos
Tempo de atuação como técnica (média)	17, 3 anos
Estado civil	Solteira (n=7) Casada (n=4) Separada (n=2)
Possuem filhos	Sim (n=5) Não (n=8)
Ex-atleta	Sim (n=12) Não (n=1)
Nível de escolaridade	Superior (n=4) Especialização (n=6) Mestrado (n=2) Doutorado (n=1)
Jornada de trabalho semanal como técnica (média)	27,8 horas
Possuem outra profissão	Sim (n=9) Não (n=4)
Satisfação com a remuneração recebida*	Satisfeita (n=4) Em dúvida (n=2) Insatisfeita (n=6)
Se sentem realizadas profissionalmente	Sim (n=7) Não (n=6)

Fonte: Dados da pesquisa.

* Uma informante declarou não receber remuneração.

Estudo canadense identificou que as mulheres tendem menos que os homens a se casarem, terem filhos, terem o cargo de técnica como profissão única, treinarem equipes masculinas, entretanto, possuem maiores níveis de educação formal (READE; RODGERS; NORMAN, 2009).

Panorama nacional da atuação de técnicas

Através do levantamento feito com 259 federações esportivas brasileiras de vinte e duas modalidades foi encontrado o seguinte resultado: apenas 7% dos técnicos esportivos são mulheres. Do total de federações pesquisadas, 185 não possuem mulheres cadastradas como técnicas. Ou seja, 71,4% das federações esportivas possuem 100% de homens filiados como técnicos. Nos Jogos Pan-americanos de 2011, a proporção de mulheres integrantes da comissão técnica brasileira foi de apenas 13% (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2011). Nesse sentido, e utilizando o referencial teórico de Kanter (1993), pode-se considerar que as treinadoras brasileiras adquirem um *status* simbólico no comando esportivo nacional.

Por meio de consultas junto às confederações e ao relatório dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, constatou-se que nas seleções brasileiras de trinta e nove esportes existem mulheres como técnicas em apenas doze. São dezesseis treinadoras distribuídas entre as modalidades de ginástica de trampolim, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica aeróbica, patinação artística, nado sincronizado, saltos ornamentais, *squash*, judô, *taekwondo*, vôlei de praia e atletismo. Como se pode ver, grande parte dessas modalidades são aquelas ditas adequadas às mulheres. Das dezesseis técnicas identificadas, seis pertencem ao nado sincronizado e à ginástica rítmica, modalidades praticadas exclusivamente por mulheres. Percebe-se, então, que quando é permitido o comando às mulheres, isso se dá majoritariamente nas práticas físico-desportivas consideradas essencialmente femininas. As mulheres estão mais propensas a serem treinadoras de esportes que possuem menor prestígio e *status* para os homens, como os individuais e os femininos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010). Para Reade, Rodgers e Norman (2009), limitar as mulheres a atuarem

em esportes tradicionalmente femininos e com atletas do sexo feminino consiste em uma maneira de marginalizá-las e de garantir a hegemonia masculina.

Razões associadas à baixa representatividade feminina no cargo de técnica

A partir das falas das participantes emergiram alguns motivos associados à baixa representatividade de mulheres no comando esportivo: 1) barreiras enfrentadas pelas técnicas; 2) dificuldade de ascensão na carreira; 3) aceitação feminina da exclusão; 4) falta de mulheres com perfil para o cargo; e 5) desistência da carreira.

Acosta e Carpenter (1994) encontraram que as causas percebidas pelas técnicas para a pequena atuação feminina no comando esportivo são: o sucesso da rede de contatos masculina; o fracasso da rede de contatos feminina; a falta de suporte de programas e políticas para mulheres; a discriminação e reprodução homóloga no processo de contratação; a ocorrência de síndrome de *burnout*⁶ entre as mulheres; e o consequente abandono da carreira. Por outro lado, os técnicos elencaram: a falta de técnicas qualificadas para o cargo; a ineficiência das mulheres em “criar” oportunidades de trabalho; a falta de administradoras qualificadas; o conflito feminino de papéis; a demanda de tempo para responsabilidades familiares; e que as mulheres sofrem cedo de *burnout* e desistem da profissão. Norman (2010) concluiu que a baixa representatividade feminina como técnicas fundamenta-se no capital humano e social que homens e mulheres possuem. Segundo o autor, o capital humano refere-se ao treinamento, educação e experiências que o indivíduo acumula para sua qualificação profissional. O capital social é medido pela rede de contatos que a pessoa possui. Nessa análise, o *status* de minoria das treinadoras esportivas é explicado pelos baixos níveis femininos de capital social adquirido.

Barreiras enfrentadas pelas técnicas (n=11). As informantes acreditam que a interposição de tantas barreiras na carreira de treinadora esportiva inibe e afasta a presença feminina. Para elas, as dificuldades começam a partir da percepção das pessoas

⁶ O termo pode ser traduzido para o português como esgotamento. A síndrome de *burnout* é considerada uma reação psicofisiológica ao estresse crônico no trabalho e caracteriza-se pela exaustão emocional, comportamento impessoal e pela reduzida satisfação profissional. A síndrome inicialmente era atribuída a profissões da medicina, enfermagem e direito, tendo sido expandida ao ambiente esportivo (PIRES; BRANDÃO; MACHADO, 2005).

que apenas homens têm capacidade para serem técnicos. Elas afirmam que, embora mais brando, o preconceito se faz presente e que o Brasil ainda é um país muito machista. Percebem, também, que persiste a concepção da mulher como o sexo frágil. Sucessivamente vem a falta de espaço e oportunidades para a inserção e ascensão de mulheres no cargo. O domínio masculino provoca não somente o fechamento desse espaço para as mulheres, como o questionamento da capacidade daquelas que tiveram acesso ao posto. A falta de reconhecimento, a baixa remuneração ou, em alguns casos, a não remuneração, obriga as mulheres a procurarem outros empregos para complementar a renda. Das treze entrevistadas, nove possuem outra ocupação, inclusive aquelas que são técnicas de seleções brasileiras. Com o baixo salário e a necessidade de trabalhar em mais de um local, as ações como técnica para algumas sequer podem ser encaradas como uma profissão. Soma-se ainda a todas essas dificuldades, o desafio das mulheres em conciliar a vida profissional com a vida afetiva e familiar. Para as técnicas a relação trabalho e família adquire um caráter dicotômico. Elas vivem diante de um conflito entre optar pelo lado profissional ou pelo lado pessoal, uma vez que a vida esportiva requer muita dedicação e ausências para as viagens frequentes. O sonho tradicional do casamento e da maternidade, bem como a atribuição das responsabilidades femininas ainda faz parte do presente. De tal modo que, na maior parte do tempo, elas experimentam a dor, o sofrimento e a culpa por suas escolhas. Algumas abriram mão de constituir uma família para serem técnicas. Outras conseguem fazer arranjos sem ter que optar por um ou outro lado, entretanto, nunca sem estresse e dificuldades. Ao tentarem alcançar um equilíbrio, elas incorrem na dupla-jornada. Para Kátia Lemos, essa é a primeira das barreiras:

Primeiro, eu acho essa dupla jornada. Tripla, quádrupla jornada que a mulher sempre tem. Segundo, pela falta de reconhecimento financeiro. Como é que você vai dedicar só à ginástica se os salários de técnicos são muito baixos? De todos, e acredito que, infelizmente, para as mulheres ainda é menor (Kátia Lemos, ginástica aeróbica).

A divisão sexuada do espaço doméstico determina que as mulheres sejam as responsáveis pelo cuidado do lar e dos filhos. Quando passaram a serem trabalhadoras assalariadas, elas não se libertaram da imagem de “rainha do lar”. E muito menos os homens ofereceram uma contrapartida na divisão das tarefas domésticas. Assim, elas assumiram todos os papéis para si, de trabalhadora, dona-de-casa, esposa e mãe (WHITAKER, 1993).

Para Marluce, essa tensão entre trabalho e família é a grande dificuldade da mulher em ser técnica:

Você trabalhar com esporte competitivo é uma dedicação diferenciada. Você tem uma dedicação mais intensa. E nem todo mundo quer abrir mão da sua vida. [...] Assim, eu acho que a grande dificuldade da mulher em trabalhar com esporte competitivo é essa dedicação que você tem que ter ao esporte competitivo. Porque depois você tem filho, tem família, você já pensa duas vezes: poxa, eu quero passear com meu filho. Mais um final de semana sem meu filho. Você começa a sentir isso. [...] E normalmente, a mulher sempre puxa para ela a responsabilidade da família, de cuidar do filho, de dar atenção e ela acaba optando (Marluce, natação).

Percebe-se, então, que as barreiras são muitas para as treinadoras brasileiras fazendo com que muitas sequer tentem se inserir nesse espaço, algumas desistam da carreira e poucas permaneçam, já que apenas uma minoria feminina está disposta a enfrentar tantas dificuldades.

Esses obstáculos também foram encontrados na literatura internacional. Kilty (2006) revisou os conteúdos discutidos em conferências sobre treinadoras esportivas americanas e identificou a existência de barreiras externas e internas à inserção e ascensão de mulheres na carreira. As barreiras externas identificadas foram: o questionamento da competência feminina; a contratação por princípio da similaridade, ou seja, homens tendem a contratar homens; o estereótipo de homossexualidade; e a falta de “tutores” para facilitar o acesso ao posto. Como barreiras internas foram encontradas: o perfeccionismo, gerando insegurança para assumir o cargo; a falta de assertividade; a inibição das realizações individuais; e o conflito da vida pessoal com a profissão. Outro estudo americano verificou que as maiores dificuldades para as mulheres treinadoras são: adquirir respeito e credibilidade com atletas, pais e outros técnicos; recrutar atletas do sexo masculino; ser a única treinadora em seu contexto; e estabelecer relação profissional com técnicos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010). Norman (2010) demonstrou a complexidade e a força da hegemonia masculina nos esportes ao confirmar que as técnicas carregam uma carga pesada de dúvidas e suspeitas, precisando provar sua competência.

Dificuldade de ascensão na carreira (n=5). No contexto esportivo nacional, verifica-se que grande parte das mulheres que se tornam técnicas é limitada a trabalhar com as categorias de base e escolinhas para crianças. Tal situação é muito característica da

natação brasileira, na qual as mulheres constituem a maioria quando a função é a de professora. À medida que se avança para o esporte competitivo de alto rendimento, a representatividade feminina vai sendo reduzida a números simbólicos. Rosane Carneiro apresenta esse quadro:

Eu acho que infelizmente aquelas que começam nas categorias de base, elas se mantêm e eu não vejo ninguém com possibilidade assim: “nossa, eu vou para a seleção brasileira 2016”. Não vai. 2020, não vai. Não vai porque lá em cima não deixa. O sistema masculino não dá, não... Você tem que dar muita sorte como eu dei. [...] Primeiro porque é mais fácil e segundo, porque todo mundo acha que a mulher só atende à fase maternal do esporte (Rosane, natação).

Reade, Rodgers e Norman (2009) evidenciaram que as proporções de mulheres e homens como treinadores são semelhantes a nível competitivo mais baixo, porém a presença feminina vai declinando à medida que se aproxima do alto rendimento. Parece que as mulheres iniciam na carreira, mas não conseguem progredir como os homens.

Essa ascensão parece estar limitada por dois motivos. Primeiramente, o domínio e a solidariedade masculina nesse espaço – atrelada ao preconceito – não permitem que as mulheres subam de posição. Eles não dão oportunidades para elas, que ficam restritas à base da pirâmide. Segundo, as próprias mulheres se conformam com isso, uma vez que quanto mais elevado o cargo e o nível competitivo, proporcionalmente maiores serão as exigências de tempo e dedicação à vida esportiva. Em contraponto com a vida pessoal, com o cuidado dos filhos e da casa, elas se acomodam e optam por permanecer com os trabalhos de base e iniciação esportiva. É o caso de duas informantes que atuam com equipes infantis e afirmam não terem como meta trabalhar com categorias maiores em função da maior dedicação de tempo exigida. Em relação à predominância de mulheres como professoras, no caso da natação, acredita-se que isso ocorre pela associação da figura feminina com funções de ensino, cuidado e assistência (WHITAKER, 1993) e, também, com a maternidade. Assim, para o trabalho com crianças as mulheres são sempre bem-vindas, pois há uma suposição de que elas, tendo sido educadas para o lar, têm melhores condições de cuidar do filho que está sendo tirado por um momento da mãe. Portanto, ao que parece, existe no contexto esportivo a percepção de que as mulheres possuem capacidade para ensinar e lidar com crianças, mas não para comandar uma equipe. Uma das entrevistadas acredita que existem muitas pessoas que não gostam de mulheres em cargos de poder e não aceitam receber ordens delas.

Lívia questiona essa restrição na carreira das técnicas e fica indecisa se os maiores responsáveis são os homens ou as mulheres:

Por que não ter, permitir uma mulher avançar mais? Por que fica só ali? Aí eu acho que é culpa dos dois lados. Culpa dos homens de preconceito. E culpa das mulheres por se acomodarem e não mostrarem que são capazes. Você estudou o mesmo tanto que ele, fez a mesma faculdade, por que ele está num nível bem mais competitivo e você não? Alguma coisa tem. Eu acho que é o preconceito de achar que o homem é mais capaz do que uma mulher. E acho que da mulher não bater de frente com isso, sabe? Acho que o principal é a mulher não bater de frente com isso. Provar que ela tem capacidade e ir contra esse preconceito. Então eu acho que é mais culpa das mulheres. Você tem que lutar contra as duas coisas, preconceito e provar que você ainda sabe o tanto que ele. Porque não tem tanto segredo assim. O tanto que ele estudou você estudou também, sabe? Então, é a questão de não ir para frente para mim é isso (Lívia, natação).

Aceitação feminina da exclusão (n=4). Algumas entrevistadas acreditam que as próprias mulheres também são responsáveis por sua baixa representatividade no comando esportivo. Elas se conformam e se acomodam diante da reserva masculina em cargos dessa natureza. As mulheres acabam interiorizando o domínio dos homens e muitas sequer representam a profissão de técnica como possível para elas. As informantes apresentaram um discurso de resistência e superação, transparecendo que outras mulheres não se tornam técnicas porque não se aventuram e não se dispõem a enfrentar os obstáculos, assim como elas fizeram.

Mas, em partes também, a culpa maior é da mulher. Porque elas aceitam isso, acham que é normal e não brigam por seus direitos. [...] Por que o homem pode ser técnico do feminino? Por que a mulher não pode ser técnica do masculino? Então teria que ser assim: homem só treina homem e mulher só treina mulher. Aí teria mais espaço. Porque aí teriam mulheres treinando no vôlei feminino, mulheres treinando basquete feminino, no futebol feminino, tudo. Só que não. [...] Agora, se as mulheres aceitam isso, elas também têm uma culpa assim grandiosa nisso. Porque elas deixam isso acontecer. [...] Agora você se acomoda. Você acha que... Você também aceita que são sejam só os homens que comandam as modalidades, eles vão aceitar. [...] E quem faz isso, somos nós mesmas, mulheres. Porque aceitamos demais (Janaína, futebol).

Segundo Perrot (1988), as mulheres interiorizaram as normas sociais, o que causa o problema do consentimento. Sobre a aceitação feminina da exclusão, Bourdieu (2009) sintetiza que:

Em suma, através da experiência de uma ordem social 'sexualmente' ordenada e das chamadas à ordem explícitas que lhes são dirigidas por seus pais, seus professores e seus colegas, e dotadas de princípios de visão que elas próprias adquiriram em experiências de mundo semelhantes, as meninas

incorporam, sob forma de esquemas de percepção e de avaliação dificilmente acessíveis à consciência, os princípios da visão dominante que as levam a achar normal, ou mesmo natural, a ordem social tal como é e a prever, de certo modo, o próprio destino, recusando as posições ou as carreiras de que estão sistematicamente excluídas e encaminhando-se para as que lhes são sistematicamente destinadas (BOURDIEU, 2009, p.114).

Souza de Oliveira (2002), ao analisar a trajetória de técnicas brasileiras, também constatou que as mulheres assumem como natural a reserva masculina no treinamento de equipes esportivas.

Falta de mulheres com perfil para o cargo (n=3). As informantes acreditam que para ser técnica existe um perfil específico. Na visão delas, é fundamental para uma treinadora esportiva ter capacidade de liderança, carisma, conhecimento, sensibilidade para lidar com os atletas e autoridade para manter o grupo coeso e sob comando. Não é unânime entre elas a consideração de que para ser técnica é preciso ter sido atleta. Para uma delas é pré-requisito na profissão, caso contrário não há respeito e credibilidade junto aos atletas. Para as outras é um diferencial que proporciona maior sensibilidade, uma vez que a técnica identifica e entende facilmente o que o atleta sente. Devido à forte associação da figura do treinador com a masculinidade, espera-se que o técnico tenha uma postura firme, não surpreendentemente caracterizada por comportamentos agressivos. Assim, para cumprir as expectativas dos atletas e impor autoridade, as técnicas modificam suas atitudes.

Por exemplo, mulher técnica de vôlei... Homem tem a voz grossa, consegue falar mais alto, parece que tem mais energia. Então, pelo esporte competitivo exigir isso, de gritar e tudo, talvez não são tantas mulheres que têm perfil para isso (Lívia, natação).

Conforme Bourdieu (2009) existem atributos sexualmente conotados para cargos específicos:

A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a “distância em relação ao papel”, a autoridade dita natural etc., para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens (BOURDIEU, 2009, p.78).

Desistência da carreira (n=7). Diante das dificuldades, da pressão e do estresse que vivenciam, algumas técnicas chegam a desistir da carreira. Duas participantes abandonaram a profissão durante algum tempo, mas acabaram retornando. Quatro delas já sinalizam planos de encerramento da carreira.

Os principais motivos de desistência identificados foram a síndrome de *burnout*, a insatisfação com a remuneração recebida e as barreiras enfrentadas. Verificou-se que essas treinadoras são motivadas na profissão pelo sonho olímpico, pela satisfação em formar pessoas e atletas, e pelo amor ao esporte. Desse modo, quando elas alcançam as metas traçadas, a motivação vai sendo perdida, pois a remuneração é tão baixa que não se configura como estímulo para elas. Maria José Sales (Zezé) relata:

Eu vou fazer o que agora? Satisfação pessoal eu já tive, medalha eu já tive, título já tive, consideração de tudo quanto é coisa. Faltou-me dinheiro. Não chegou, vou ter que fazer outra coisa. Porque o dinheiro vai precisar vir de alguma forma (Zezé, handebol).

Francisléia não recebe qualquer benefício econômico pelo seu trabalho. Ela já planeja seu afastamento, pois o esporte não é algo do qual ela dependa financeiramente. Kátia Amanajás acredita que as dificuldades são muitas e forçam algumas a renunciarem ao cargo:

Acho que as outras meninas chutam para o alto. Porque o nível de dificuldade e de exigência pessoal é muito grande. [...] A pressão é enorme, a falta de profissionalismo. Aí minhas colegas veem como injustiça, ficam magoadas, desistem. Porque o que não falta é técnica que estressa, que infarta, que chora, que arranca os cabelos. A pressão é muito grande. E se a gente for olhar e que coisa injusta. E você acaba tendo vontade de desistir. [...] Elas acabam desistindo. Até porque tem filho, tem um monte de coisa, aí realmente... É muita carga. É muita coisa (Kátia Amanajás, handebol).

A síndrome de *burnout* pode ser entendida como uma reação ao esgotamento emocional e ao estresse excessivo na carreira (PIRES; BRANDÃO; MACHADO, 2005). Para Hjälml *et al.* (2007), a profissão de técnica pode ser muito recompensadora, mas também pode ser frustrante e demandar muito da mulher. Segundo os autores, o *burnout* existe quando a técnica/ técnico começa a se sentir exausta (o) emocionalmente e altera seu comportamento no que diz respeito ao trabalho. Além da exaustão emocional e da despersonalização (comportamento impessoal e descuidado), o treinador experiente manifesta insatisfação profissional. Duas informantes parecem ter manifestado sintomas do *burnout*. Andréia Boheme nos conta sobre seu caso:

Eu fui embora para os Estados Unidos, larguei os saltos meio estressada, com os esportes e tal. [...] Aí eu fui embora. [...] E chegou uma hora que fiquei de saco cheio e falei: ah não quero mais isso para minha vida. Está me aborrecendo muito, estou me estressando. Porque eu me estresso muito, eu me dou muito aqui, não é? [...] Aí eu fiquei de saco cheio e abandonei (Andréia, saltos ornamentais).

Quando não diagnosticada e tratada a tempo, a síndrome pode levar o treinador ao abandono esportivo. Em revisão bibliográfica sobre o tema, Pires, Brandão e Machado (2005) identificaram que existem nove variáveis preditoras para o *burnout*: ansiedade-traço do indivíduo, recompensas recebidas, valor da função recebida, excitação, sobrecarga, controle, suporte e sucesso percebido. Em estudos internacionais, foram identificadas as principais causas desse esgotamento: falta de suporte financeiro, falta de uma equipe de trabalho, conflito de papéis quando em mais de um emprego e demanda de tempo (FELDER; WISHNIETSKY, 1990; HJÄLM *et al.*, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os números ratificam a baixa representatividade feminina em cargos de liderança esportiva, nas esferas administrativa e técnica. A gestão esportiva é realizada por homens, e eles tendem a contratar outros homens, o que reforça o domínio masculino nesse espaço. Assim, a primeira barreira encontrada pelas mulheres é a falta de oportunidade. A metáfora do “teto de vidro” ajuda a visualizar a dificuldade de inserção e ascensão feminina na carreira de treinadora esportiva. A maioria das técnicas permanece restrita às ações em categorias de base e nos esportes considerados adequados às mulheres, como as ginásticas e o nado sincronizado. Essa limitação resguarda a hegemonia masculina no esporte.

Os obstáculos a serem transpostos pelas técnicas são muitos. Elas enfrentam preconceito, questionamentos da competência e capacidade de liderança feminina, conflito da vida profissional e pessoal, baixos salários e estereótipos. Assim, diante de todas essas dificuldades, as mulheres acabam interiorizando a reserva masculina e aceitando essa exclusão. Elas internalizam a dominação masculina e já desistem de antemão da profissão de técnica. Assim, muitas se acomodam e não tentam romper o “teto de vidro”.

Adotando como referência as três variáveis de Kanter (1993) — oportunidade, poder e proporção —, pode-se compreender que o domínio masculino no comando esportivo limita as chances das mulheres se inserirem nesse campo. As mulheres caem num ciclo de desvantagens, que se inicia pela falta de oportunidades. Quando elas têm acesso ao cargo de técnica, constituem a minoria simbólica, sofrendo com a falta de poder para atuar e para gerar espaço para outras mulheres. A maior parte delas não progride na carreira e se mantém na base da pirâmide. Aquelas que alcançam o alto rendimento sofrem com a discriminação e com a própria culpa de optarem pelo sucesso profissional em detrimento da vida pessoal. Algumas chegam a níveis de estresse tão elevados que decidem abandonar a vida esportiva.

Portanto, ao que parece, a baixa atuação de mulheres como treinadoras no Brasil ocorre devido a um complexo de fatores. Neste estudo, se destacaram como determinantes a falta de oportunidades para inserção e ascensão feminina na carreira e as barreiras existentes que dificultam a permanência de mulheres.

Mulheres e homens têm conhecimento, valores e interesses diferentes. Assim sendo, o aumento da representação de mulheres pode levar a novas perspectivas em vários assuntos. Para que isso ocorra, são necessárias estratégias de mudança como incentivar o aumento da remuneração, a ampliação das redes de contato femininas, o aumento da participação feminina na administração esportiva brasileira, a prática esportiva feminina e a permanência das meninas no esporte, o aperfeiçoamento profissional de mulheres, e investir na visibilidade feminina em diferentes funções e esferas esportivas. Acima de tudo é preciso que todas essas recomendações, assim como as que já foram estabelecidas pelo Comitê Olímpico Internacional não se limitem ao papel e se efetivem na prática.

2.2 A CARREIRA DA TREINADORA ESPORTIVA NO BRASIL

Resumo

Diante da baixa representatividade de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, este estudo buscou identificar as vias de acesso e estratégias utilizadas por treinadoras brasileiras para a sua inserção, ascensão e permanência no cargo. A amostra intencional foi de treze treinadoras de oito modalidades, atuantes em âmbito estadual, nacional e internacional. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. Os resultados indicaram que as principais formas de inserção no cargo foram a “condução” e o convite. Verificou-se que a permanência das treinadoras é garantida principalmente pela credibilidade adquirida com a demonstração de resultados. Concluiu-se que a profissão de treinadores esportivos no Brasil ainda se encontra voltada para os homens. Entretanto, embora as mulheres se deparem com muitas barreiras na profissão, elas encontram meios de conquistar seu espaço. Para aumentar a atuação feminina nesse campo, é fundamental que as mulheres ampliem e mantenham sua rede de contatos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Esportes. Treinamento. Treinadoras.

Introdução

A instituição esportiva deve ser vista como um espaço cultural generificado, o que representa assumir gênero como categoria teórica fundamental para compreender a importância histórica e o significado do

esporte ([MESSNER; SABO, 1990](#)). O ambiente esportivo consiste em um lugar de afirmação da identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre os gêneros ([COELHO, 2009](#)).

O envolvimento das mulheres com os esportes se deu de forma lenta, conflituosa e com muitas idas e vindas. Por meio de concessões e negociações, elas foram se inserindo nesse espaço predominantemente masculino. Em um primeiro momento, só era permitido à mulher atuar como expectadora do espetáculo masculino de exibição de sua força e vigor em competições. Ao longo do tempo, as mulheres foram conquistando seu espaço e passaram a participar de grandes eventos – como os Jogos Olímpicos Modernos – como atletas ([DEVIDE, 2002](#); [MIRAGAYA, 2002](#)). A inserção feminina em competições nacionais e internacionais foi fundamental para a divulgação da imagem da mulher atleta ([GOELLNER, 2004](#)).

Atualmente, a representação das mulheres como competidoras em Jogos Olímpicos se equipara a dos homens. Nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, competiram 4.637 mulheres e 6.305 homens, correspondendo a 42% do total de atletas ([COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2011](#)). A delegação brasileira foi composta por 133 mulheres e 144 homens, o que representa 48% dos competidores ([COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2011](#)). Nos Jogos Pan-americanos de Guadalajara, em 2011, essa proporção foi igual a 46% dos atletas. Entretanto, apenas uma minoria feminina ocupa cargos de comando esportivo. A atuação de mulheres como treinadoras esportivas, auxiliares técnicas, árbitras, coordenadoras, diretoras, chefes e presidentes de órgãos da

administração esportiva ainda é muito pequena. No Brasil, apenas 14% do efetivo dos principais órgãos esportivos é formado por mulheres, e somente 7% das federações esportivas tem uma mulher na presidência ([MOURÃO; GOMES, 2004](#)).

Como mencionado, a atuação de mulheres em cargos de treinadoras esportivas ainda é muito pequena, constituindo-se um importante campo para estudos. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral identificar e analisar as vias de acesso e estratégias utilizadas por treinadoras esportivas brasileiras para sua inserção, ascensão e permanência no cargo de comando esportivo.

Aspectos Metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como sendo uma pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram treze treinadoras brasileiras das modalidades de natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, futsal, futebol, handebol e basquetebol, atuantes em âmbito estadual, nacional e internacional. A seleção das informantes se deu de forma intencional, em função da acessibilidade e conveniência.

Os dados foram coletados por meio da técnica de entrevista. Essa opção justifica-se por se tratar de uma prática eficaz em dar conta do ponto de vista dos atores e em expor a experiência do entrevistado ([POUPART, 2008](#)). De acordo com [Poupart \(2008\)](#), a entrevista é:

um instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos sociais, as práticas discriminatórias ou de exclusão, e as

iniquidades, de que podem se tornar objeto certos grupos considerados como “diferentes”, “desviantes”, ou “marginais” [...] ([POUPART, 2008, p.220](#)).

Esse método propicia maior flexibilidade para a obtenção de informações, permite ao entrevistador observar o entrevistado enquanto ele responde e, ainda, esclarecer dúvidas no momento exato da fala ([SELLTIZ et al., 1975](#)).

Antes da entrevista propriamente dita, foi aplicado um formulário de elaboração própria visando obter informações para caracterizar o perfil de cada informante em termos de dados gerais, formação esportiva e acadêmica, e atuação profissional. A entrevista, do tipo semiestruturada, continha questões que abordavam temas como a trajetória na vida esportiva, o acesso ao cargo de treinadora esportiva e a atuação, as dificuldades encontradas, as razões para permanência no posto e a opinião delas quanto à ausência de outras mulheres. Após a transcrição da entrevista, o texto foi enviado para cada participante para possíveis alterações, se assim o desejasse.

As respostas foram analisadas e interpretadas tendo como referência a técnica de análise categórica proposta por [Bardin \(2008\)](#). As entrevistas transcritas foram submetidas a uma leitura flutuante, com o objetivo de detectar temas comuns e relevantes entre os discursos das mulheres. Como pressupõe a técnica adotada, foram estabelecidas unidades de análise e categorias temáticas úteis para alcançar o objetivo de pesquisa.

A participação das informantes se deu de forma voluntária após a explanação dos objetivos e procedimentos do estudo, bem como a assinatura

do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As participantes autorizaram, em termo específico, a exposição de seus nomes verdadeiros e o uso de gravador. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa sob o ofício número 048/2011.

Apresentação e Discussão dos Resultados

A partir das falas das informantes, emergiram três grandes categorias úteis para se compreender as formas de inserção, ascensão e permanência de mulheres no cargo de técnica. São elas: acesso ao cargo, atuação como treinadora e permanência no cargo.

A primeira categoria, ACESSO AO CARGO, diz respeito à forma e ao processo de como as mulheres se tornaram treinadoras esportivas. São apresentadas as vias de acesso utilizadas por elas para chegarem ao cargo de comando esportivo.

A segunda categoria, ATUAÇÃO COMO TREINADORA, abrange tópicos relativos à condição de ser técnica, como o relacionamento com os atletas e a postura de comando adotada. Aborda, ainda, as concepções e os requisitos necessários para a profissão.

A terceira e última categoria, PERMANÊNCIA NO CARGO, expõe quais são os fatores associados à continuidade das mulheres na posição de técnica.

As informantes

Para descrever a amostra, é apresentada a identificação das informantes (Quadro 1) e a relação dos principais títulos esportivos conquistados por elas enquanto atletas e treinadoras (Quadro 2). A idade média das participantes foi de 45 anos, variando de 28 a 68 anos. Com relação ao estado civil, sete são solteiras, duas separadas e quatro casadas. Apenas cinco delas possuem filhos. Todas são graduadas em Educação Física, sendo que seis possuem o título de especialização, duas de mestrado e uma de doutorado. Elas concluíram o curso de graduação há um tempo médio de 21 anos e atuam como treinadoras esportivas há 17 anos, em média. A jornada de trabalho média na atividade de treinadora esportiva é de 28 horas por semana. Nove delas possuem outra ocupação profissional além do cargo de treinadora esportiva. Quanto à remuneração obtida, seis técnicas estão insatisfeitas, quatro satisfeitas, duas em dúvida sobre o assunto e uma não recebe qualquer valor pelo trabalho. Das treinadoras entrevistadas, somente sete se sentem realizadas profissionalmente.

Quadro 1 – Identificação das informantes

Nome	Modalidade	Equipe	Categoria	Ex-atleta
Andréia	Saltos ornamentais	Fluminense Futebol Clube (RJ); Seleção Brasileira	F e M (adulto)	Sim
Francisléia	Handebol	Associação Montescclarence de Handebol (MG)	F e M (infantil, cadete, juvenil, júnior e adulto)	Sim
Janáina	Futebol	Associação de Futebol Real Minas (MG)	M (adulto e sub-20)	Sim
Kátia Amanajás	Handebol	Praia Tênis Clube (ES)	F e M (juvenil, júnior e adulto)	Sim
Kátia Lemos	Ginástica aeróbica	Universidade Federal de Minas Gerais (MG); Seleção Brasileira	F e M (infantil e adulta)	Sim
Laís	Basquetebol	Santo André (SP)	F (adulto)	Sim
Lívia	Natação	Mackenzie (MG)	F e M (júnior a sênior)	Sim
Mariella	Futsal feminino	Santa Cruz (MG)	F (adulto)	Sim
Marluce	Natação	Fluminense Futebol Clube (RJ)	F e M (Infantil)	Sim
Rosane	Natação	Rio de Janeiro	F e M (adulto)	Sim
Rosicléia	Judô	Clube de Regatas do Flamengo (RJ); Seleção Brasileira	F (adulto)	Sim
Maria José Sales (Zezé)	Handebol de areia e de quadra	Z5 (RJ); Clube Mauá; Niterói Rugby	F e M (cadete e adulto)	Sim
Maria José de Almeida (Zezinha)	Natação	Minas Tênis Clube	F e M (pré-mirim, mirim I e mirim II)	Não

F: Feminino

M: Masculino

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 2 – Principais títulos esportivos conquistados pelas informantes.

Nome	Principais títulos como atleta	Principais títulos como treinadora
Andréia	Campeã Brasileira, Campeã Carioca, Tricampeã Sul-americana e Campeã Mundial.	Tricampeã Brasileira, Campeã Sul-americana, Medalhista Pan-americana e Finalista mundial.
Francisléia⁷	Hexacampeã dos Jogos do Interior de Minas (JIMI), e Terceiro lugar nos Jogos Abertos Brasileiros.	Campeã dos Jogos do Interior de Minas; Bicampeã Mineira.
Janaína	Tricampeã Brasileira, terceira colocada na Copa do Mundo e o 4º lugar nos Jogos Olímpicos de Sidney.	Campeã sub-20 na Copa da Federação Paulista e Finalista da Copa SP-MG.
Kátia Amanajás	Campeã Estadual e Vice-Campeã Brasileira.	Campeã Estadual e Campeã dos Jogos Universitários Brasileiros.
Kátia Lemos	Campeã Mineira e 3º lugar por conjunto em Campeonato Brasileiro.	Campeã Mundial e Campeã Pan-americana.
Laís⁸	Pentacampeã Sul-americana, Bicampeã pan-americana e 3º lugar no Campeonato mundial.	Campeã Sul-Americana de Clubes, Campeã dos Jogos Abertos Brasileiros e Campeã da Liga Nacional.
Lívia	3º lugar no Campeonato Brasileiro e Campeã mineira.	Tricampeã Brasileira e três vezes Vice-Campeã Brasileira.
Mariella	Campeã regional e metropolitana.	Campeã Metropolitana e Campeã dos Jogos do Interior de Minas.
Marluce	-	Campeã Estadual, Campeã do Sudeste e 3º lugar no Campeonato Brasileiro.
Rosane	Campeã Estadual, Campeã Brasileira e Campeã Sul-Americana.	Campeã Pan-Americana e Campeã Mundial.

⁷ Em 2011, ela foi considerada a melhor técnica do Campeonato Mineiro de Handebol.

⁸ Laís Elena foi premiada cinco vezes com o troféu de Melhor do ano pela Federação Paulista.

(Continuação Quadro 2)

Nome	Principais títulos como atleta	Principais títulos como treinadora
Rosicléia⁹	Eneacampeã Brasileira, Octacampeã Sul-Americana e duas vezes medalhista de bronze em Jogos Pan-americanos.	Vice-Campeã Mundial, medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim, medalhista de ouro, de prata e de bronze nos Jogos Pan-americanos de 2007.
Maria José Sales (Zezé)	Campeã Brasileira, Campeã Mundial, Campeã Sul-Americana e Pan-Americana.	Campeã Estadual e Campeã Brasileira.
Maria José de Almeida (Zezinha)	-	Octacampeã do Festival Sudeste.

Fonte: Dados da pesquisa.

Das treze treinadoras entrevistadas, apenas uma não teve qualquer experiência como atleta. Dentre as que foram atletas, nove tiveram uma trajetória de destaque no esporte de alto rendimento e ao encerrarem sua carreira, essas mulheres deram continuidade à vida esportiva tornando-se treinadoras. Para a maioria delas, essa transição de carreira ocorreu à medida que iam sinalizando o fim da vida atlética e, simultaneamente, envolviam-se com o trabalho de seus técnicos e com atividades em escolinhas de esportes voltadas para o público infantil.

A inserção e ascensão de mulheres como técnicas

Na carreira esportiva, o ato de tornar-se técnico ou técnica representa uma possibilidade de prolongamento e continuidade no esporte para muitos atletas. Segundo [Brandão et al. \(2000\)](#), continuar ligado ao meio esportivo é

⁹ Em 2011, Rosicléia recebeu o prêmio de melhor técnica na categoria esportes individuais pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

uma forma do atleta lidar melhor com um possível período de transição. De acordo com os autores, a transição de carreira esportiva é proveniente de uma combinação de fatores individuais e sociais, como por exemplo, a idade, novos interesses emergentes, fadiga psicológica, dificuldades com a equipe técnica, resultados esportivos em declínio, problemas de contusão e saúde, e a não convocação para competições.

As falas das entrevistadas demonstram que essa transição de carreira foi um processo bastante natural. Elas (n=8) já estavam inseridas em um clube esportivo e já tinham uma longa vivência na modalidade. Quando ainda atletas, mas já tendo passado o seu auge em *performance* de alto rendimento, aproximaram-se dos seus técnicos para desempenhar funções de auxílio. Concomitantemente foram assumindo o comando das equipes de base. Por já estarem envolvidas nesse processo e já encaminhadas para serem técnicas, elas iniciaram o curso de Educação Física para possibilitar a atuação na área.

Eu era atleta e já trabalhava com as iniciações das escolinhas no clube. Então já foi meio que automático. Trabalhava na escolinha e depois eu já peguei a categoria iniciante. Fiquei com uma categoria como auxiliar técnica, depois eu passei a ser técnica de cadete, de juvenil (Informação verbal, Zezé, handebol).

Nas olimpíadas de Los Angeles foi quando eu parei. Parei cedo. [...] parei a nível internacional e continuei saltando para pontuar para o clube e ao mesmo tempo eu comecei a dar aula na escolinha... já gostando, já mexia com os atletas, já trabalhava assim com os atletas, as crianças pequenas. E aí eu comecei a trabalhar com saltos. [...] Eu já comecei a trabalhar aqui com a escolinha (Informação verbal, Andréia, saltos ornamentais).

Na transição de carreira de Zezé, Andréia, Janaína e Livia, as mesmas iniciaram e foram iniciadas na atuação como técnicas gradualmente enquanto ainda estavam na condição de atletas. Diferentemente, Rosicléia, Rosane e

Laís tiveram bem demarcados os momentos de encerramento da vida de atleta e somente após este, teve início a carreira de técnica.

Em 2000, eu cheguei a fazer a seletiva, mas eu perdi. Foi quando eu viajei de técnica. [...] Quando eu resolvi parar [...]. E aí foi quando eu tive essa transição (Informação verbal, Rosicléia, judô).

Algumas ($n=3$) deixaram explícito que já tinham *a priori* a intenção de se tornarem treinadoras. Dessa forma, elas buscaram a formação profissional no curso de Educação Física especificamente para a realização desse objetivo:

Sempre falei, já fui fazer a faculdade para ser técnica. Especificamente técnica (Informação verbal, Kátia Amanajás, handebol).

Para Mariella, essa transição se deu de forma diversa. Devido à falta de técnico em sua equipe e por ela ser atleta e acadêmica de Educação Física, acabou assumindo a função de treinadora. Assim, ela teve que deixar o lado de dentro das quadras para se dedicar ao comando da equipe do lado de fora.

Porque eu fazia Educação Física, mas ao mesmo tempo eu não queria abrir mão de ser atleta. E nem colocava isso em prática. Mas com o tempo, eu percebi assim: se eu estou fazendo Educação Física e eu gosto disso, eu quero isso, eu vou começar a buscar isso. [...] Aí comecei a ser treinadora e atleta. [...] Só que começou a ficar bem complicado. Ser só atleta já é complicado. Ser só treinador já é complicado. Os dois então... minha cabeça bagunçou. Aí foi que eu optei (Informação verbal, Mariella, futsal).

Nas respostas dadas à pergunta "Como você se tornou técnica?", foram encontradas formas variadas de inserção. Cinco mulheres foram preparadas e conduzidas a assumir o cargo; três delas receberam um convite para comandar uma equipe; duas informantes passaram a ocupar o cargo devido à falta de profissionais disponíveis para exercer a função; duas tornaram-se técnicas por iniciativa própria; e, uma, por meio de um processo seletivo. Mas, independentemente da via de acesso ao posto, todas elas iniciaram suas

ações em categorias de base. Com a conquista de resultados e o surgimento de novas oportunidades, elas foram ascendendo na carreira até assumir o comando das equipes principais de suas modalidades. Apenas duas técnicas de natação ainda se encontram atuando em categorias de base.

O termo “condução” é empregado aqui para se referir ao processo por meio do qual as mulheres foram previamente preparadas e formadas para assumir a posição do técnico anterior. Ainda na condição de atletas, elas passaram a auxiliar o técnico principal nas equipes adultas e a comandar efetivamente equipes infantis, nas escolinhas e categorias de base.

Tinha o meu técnico da equipe principal e tinham outros técnicos também e eu comecei de enxada a ajudar a dar treino. [...] Ele saiu como técnico principal e eu fui convidada a assumir a equipe (Informação verbal, Andréia, saltos ornamentais).

Eu já estava na faculdade. [...] Em 2005, o técnico me chamou para ajudá-lo com preparação física e ser auxiliar técnica dele. [...] em 2008 ele passou para frente. Aí eu assumi em 2008 como técnica principal (Informação verbal, Lívia, natação).

As formas de acesso de condução e convite ao cargo parecem estar condicionadas à existência de uma pessoa que atua como uma espécie de “tutor” (KILTY, [2006](#)). O “tutor” é aquele que faz as indicações, toma decisões, faz contratações ou apenas facilita o acesso ao cargo. Em muitos casos, é um ex-técnico ou um membro de federação ou confederação da modalidade. Vale destacar que a probabilidade de uma pessoa ter um “tutor” é tanto maior quanto melhor e mais extensa for a sua rede de contatos e sociabilidade na modalidade esportiva.

Das treze mulheres entrevistadas, oito foram conduzidas e convidadas a assumirem o cargo de técnica. Portanto, muito provavelmente, elas tiveram alguém que exerceu o papel de seu “tutor”.

Quando eu terminei de jogar, aí eles me convidaram... Eu mesmo, eu tinha muita amizade com meu técnico. Então eu falei: Paulo, eu gostaria de começar a trabalhar na base. [...] Aí fui começando a trabalhar na base, alguns títulos vieram [...]. E eu sempre tive amizade com o meu técnico, aí que ele continuou como técnico quando eu estava na base e aí ele falou: ‘Olha Laís agora está na hora de você pegar o adulto que eu estou parando’. Aí iniciei no adulto em 1984 e fiquei. [...] E aquilo, se eu não tivesse tido o apoio do meu técnico, talvez eu não tivesse conseguido. Porque eu acho que isso pode acontecer em muitos lugares, mas eu tive um apoio muito grande e depois assim, eu me identifiquei muito (Informação verbal, Laís, basquetebol).

A experiência como atleta com uma trajetória de destaque parece ter sido o fator decisivo para que Rosane e Rosicléia fossem convidadas a ocuparem o posto de técnica.

[...] eu liguei para a Confederação Brasileira e falei que estava parando como seleção e imediatamente eles me convidaram para eu ir para as olimpíadas para usar a minha experiência (Informação verbal, Rosicléia, judô).

E quando eu estava nadando na minha hora livre [...] um professor da equipe [...] me perguntou o que eu estava fazendo. [...] Aí ele perguntou, você quer trabalhar aqui na escolinha? [...] E fui levando. Fui ficando na escolinha. E fiquei três meses na escolinha. Aí mudou a direção do clube, a parte de escolinha, mirim, petiz e tal. E aí a pessoa que entrou, chegou e perguntou: ‘Não quero te ver na escolinha, porque você é ex-atleta, você tem muita coisa para passar. Você não quer pegar o mirim e petiz aqui do clube?’ (Informação verbal, Rosane, natação).

[Romariz \(2008\)](#) também notou que as oportunidades de dirigir uma equipe de voleibol surgiram, basicamente, pela interação dos treinadores com profissionais já engajados na área de treinamento. As mulheres, assim como os homens que possuem um “tutor”, têm mais facilidade de acesso ao cargo. Mas, se ambos precisam de um “tutor”, por que apenas uma minoria feminina o consegue? Em conferências sobre mulheres no treinamento esportivo, a falta

de “tutor” foi apontada como uma barreira externa para a inserção de mulheres no comando de equipes ([KILTY, 2006](#)). É possível que a resposta esteja na baixa qualidade e extensão da rede de contatos e de sociabilidade das mulheres. [Kamphoff, Armentrout e Driska \(2010\)](#) realizaram um estudo com treinadoras canadenses de equipes masculinas e identificaram algumas estratégias para aumentar a atuação de mulheres na área. Dentre elas, as informantes defenderam a importância de se estabelecer uma rede de contatos para mulheres com a presença de mais “tutores”. Elas acreditam que uma treinadora jovem, quer queiram ou não, necessita de um “tutor” para ascender na carreira.

[Dunning \(1992\)](#) argumenta que o esporte tem sido um espaço importante para a construção de uma solidariedade masculina, na qual homens se identificam com outros homens. Essa dinâmica aponta para um poderoso papel do esporte na reprodução da hegemonia masculina. [Kanter \(1993\)](#) ressalta que no momento de contratação existe uma tendência para a aplicação do princípio de similaridade denominado “reprodução homóloga”. Dirigentes e técnicos perpetuam a profissão como masculina ao contratarem apenas similares a eles mesmos, ou seja, homens tendem a optar por homens. Como a maioria dos cargos de poder de decisão e de contratação é ocupada por homens, a profissão de treinador esportivo se constituiu como um reduto masculino. No Brasil, a baixa presença de mulheres na administração esportiva só vem a contribuir para o predomínio de homens no treinamento esportivo. [Mourão e Gomes \(2004\)](#) alertam que, além de pequena, a participação

feminina se dá principalmente nos cargos intermediários da administração do esporte, subordinados aos homens.

De forma diferente, duas mulheres tornaram-se técnicas porque não havia outra pessoa para exercer a função. Elas não tinham desde a sua vida atlética a intenção de serem técnicas. Francisléia responde com clareza:

Falta de técnico. A região nossa é muito carente. Então, surgiu uma oportunidade. O professor que estava, ele não queria mais trabalhar e pintou a oportunidade. Foi por acaso. Não foi uma coisa programada não. Foi por acaso (Informação verbal, Francisléia, handebol).

Considerações sobre a atuação como técnica

A profissão de treinadora esportiva requer abdicação e muita entrega. O profissional se compromete com os treinamentos diários dos atletas e, em alguns casos, com outras atividades administrativas. Conforme definição do [Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte \(2007\)](#), o técnico,

[...] além dos conhecimentos técnicos específicos da modalidade em que se responsabiliza pelo treinamento, tem como desafio adequar o potencial de seus atletas/equipes às condições adversárias. [...] Cabe ao treinador técnico-tático dirigir e liderar a preparação técnico-tática em processos de treinamento de esportes de desempenho (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO TUBINO DO ESPORTE, 2007, p.672).

A profissão de técnico é geralmente atribuída ao público masculino. De acordo com [Jaeger et al. \(2010\)](#), a representação do esporte como um território onde os homens produzem e demonstram a sua masculinidade favorece a percepção de que treinadores geralmente são homens, o que acaba por produzir questionamentos a respeito das competências das mulheres nessa posição. [Staurowsky \(1990\)](#) corrobora mostrando que a pouca

representatividade de mulheres técnicas reflete a força do elo entre esporte e gênero. Para a autora, ainda é resistente a noção patriarcal de que a masculinidade é pré-requisito para o treinamento e está intimamente ligada à liderança esportiva, desenvolvendo, por fim, a ideia de que treinar atletas é tarefa para homens e não para mulheres. Assim, a associação do treinamento esportivo com a figura masculina é uma imensa e poderosa barreira para a aceitação das mulheres como técnicas ([NORMAN, 2010](#)).

A própria informante Zezinha concebe a profissão como sendo adequada apenas para os homens em função das suas exigências:

Olha, eu costumo dizer que ser treinadora é uma profissão para homem. [...] É muito puxado. Muito puxado. Te exige tanto fisicamente porque você fica ali oito horas. E o treino ele exige de você é tempo, é você ter que fazer correção diariamente (Informação verbal, Zezinha, natação).

Kátia Amanajás acredita que, pelo fato de serem mulheres, para atuarem como treinadoras, elas precisam de maior preparação. Além disso, precisam ser mais completas para serem capazes de enfrentar e resistir a todos os tipos de situações. De fato, as mulheres se deparam com a desconfiança de sua competência. A todo o tempo, necessitam provar que são merecedoras de ocupar tal posição. [Norman \(2010\)](#) pondera que a necessidade de as mulheres provarem que têm capacidade para serem técnicas pode ser explicada pela associação cultural da autoridade com a masculinidade.

O esporte foi criado por e para os homens, assim, ele se tornou um instrumento para reforçar a ideologia de superioridade masculina e manter essa hegemonia nos séculos XIX e XX ([MESSNER; SABO, 1990](#)). Críticas

feministas apontam que o esporte é uma instituição masculina, não apenas pelo balanço numérico, mas principalmente pelos valores e normas de comportamento que promovem e naturalizam a superioridade dos homens, tanto nos campos e quadras como nas hierarquias organizacionais ([WHITSON, 1990](#)). Alegam, ainda, que por meio do esporte reafirmam-se os padrões de privilégio dos homens e a subordinação das mulheres que existem fora da realidade esportiva.

Tanto homens quanto mulheres precisam se esforçar e mostrar resultados para serem respeitados na profissão, contudo, elas precisam trabalhar muito mais arduamente para conquistarem credibilidade. O estudo de Norman analisou as relações de gênero existentes entre treinadores e treinadoras de esportes de alto rendimento. As informantes declararam que não são levadas a sério e são consideradas pelos demais técnicos como fracas e com nível inferior de conhecimento. Assim, elas sentem a necessidade de provar seus conhecimentos e habilidades como técnicas para liderar. Para se firmarem na carreira, elas carregam o pesado fardo da dúvida e da suspeita dos homens ([NORMAN, 2010](#)).

Em relação aos requisitos da profissão, foi recorrente nas falas das entrevistadas a capacidade de liderança. Elas afirmam que, antes de tudo, é preciso ser líder para ter sucesso. É também fundamental ter carisma, conhecimento, sensibilidade para lidar com os atletas e autoridade para manter o grupo coeso e sob comando.

Não existe um consenso se para ser técnica é necessário ter sido atleta. Para as técnicas participantes do estudo de [Souza de Oliveira \(2002\)](#), ser atleta é pré-requisito para que elas atuem no treinamento, do contrário, não há respeito. Para alguns é requisito, para outros é um diferencial. Entretanto, é inegável que a experiência como atleta facilita e enriquece muito a atuação como técnica.

Das treze informantes, apenas uma não foi atleta. E somente esta afirmou não notar diferença entre técnicos que foram ou não atletas. Para todas as outras, a vivência como atleta ajuda muito na profissão. Algumas (n=2), em função da posição que jogavam, eram privilegiadas com uma melhor visão do jogo. Ao irem para o lado de fora das quadras, houve uma transferência positiva para a forma de análise tática. Ter sido atleta é um algo a mais, trata-se de um diferencial que juntamente com a formação acadêmica necessária faz com que uma técnica seja completa em termos de conhecimentos. Ter sido atleta também proporciona uma maior sensibilidade, uma vez que a técnica consegue identificar e entender facilmente o que o atleta sente. Na fala de Rosicléia:

Eu, com quinze anos, já era atleta da seleção brasileira e já estava fazendo a minha primeira viagem internacional. [...] Nesse período eu fui para duas olimpíadas. [...] Eu tenho uma grande vantagem porque tudo o que elas passam, eu já passei na pele. Eu já vivi isso na pele. Eu fui atleta olímpica, então eu falo para elas: eu já treinei com fome perdendo peso, eu já enrolei no treino porque eu não queria treinar, eu já treinei com dor, já treinei com lesão, então... Nada... Já perdi e já ganhei... Então nada que elas passem, nada, simplesmente nada que eu não tenha passado. Eu passei por tudo porque eu vivenciei. [...] Então, para mim fica muito fácil lidar com tudo isso, porque eu passei por tudo. Eu sei exatamente o que elas vivem só que eu agora tenho a experiência do lado administrativo, que é para o lado de cá (Informação verbal, Rosicléia, judô).

Para Janaína, quando se trata de comandar atletas do sexo masculino e ainda jogadores de futebol, o saber fazer não é somente um facilitador, mas é pré-requisito para se obter credibilidade junto aos atletas.

[...] por eu ter jogado, eu aprendi muita técnica [...]. E às vezes eles erram uma batida na bola, eu não falo assim: porque vocês não acertaram? Eu falo: Põe a bola aí que eu vou bater. Aí vou lá e bato e falo: É assim que eu quero. [...] Eu acho que no futebol, para você ser treinadora do masculino é essencial ter sido jogadora. [...] Aí você vai ser técnica do masculino. Você pode saber na teoria. E na hora que eles errarem o passe, ou você falar assim: eu quero que vocês façam a bola de segurança e eles errarem. Como que você vai ir lá e fazer? Você vai ter que chegar e falar: Me dá a bola aqui, encosta aqui. Mete lá. Mete aqui. Dá aqui. Dá para outro lado. [...] Eu acho, meu ponto de vista, que para ser treinadora do masculino, principalmente do profissional é fundamental ter sido atleta (Informação verbal, Janaína, futebol).

Quando questionadas sobre como é o relacionamento com os atletas, o discurso foi homogêneo quanto à ausência de dificuldades. As informantes disseram possuir um bom relacionamento, mas com uma hierarquia bem clara e definida. Foram enfáticas ao relatarem que é uma relação de muito respeito, tanto delas pelos atletas, como também deles para com elas.

Quando falaram sobre os atletas do sexo masculino, deixaram transparecer que existe alguma diferença e constrangimento na relação. Duas técnicas notam que eles ficam mais travados e procuram evitar certos comportamentos agressivos como gritar e falar palavrões na frente delas. O fato de a treinadora ser mulher altera as ações do grupo. Para Janaína isso é um ponto positivo. Já Francisléia se sentiu incomodada e receosa de estar prejudicando a equipe. Nas palavras dela,

[...] cheguei uma vez até a conversar com meu grupo se eu não prejudicava eles pelo fato de ser mulher. Então assim, eles... eu sentia que muitas coisas eles se travavam para falar. É... até aquelas explosões naturais de jogo. [...] Às vezes o atleta quer explodir lá e ele segura mais um pouco. Então eu acredito que com o masculino,

eles se sintam um pouco travados comigo. [...] Com o feminino até que não tem muito não. O masculino às vezes até sinto que eles ficam um pouco travados (Informação verbal, Francisléia, handebol).

No que diz respeito ao relacionamento entre técnica e atletas, a figura da família se repetiu nas falas de algumas mulheres (n=5). Elas utilizam da imagem de “time família” juntamente com a imagem da “mãezona” fazendo uma alusão à união e ao bom relacionamento de uma família, bem como aos cuidados e ao amor incondicional da mãe com seus filhos. Assim, elas comparam a relação delas com seus atletas com aquela de uma mãe com seus filhos. [Souza de Oliveira \(2004\)](#), ao analisar as representações sociais de técnicas brasileiras, revelou que as mulheres se utilizam do estereótipo da maternidade como um contrapoder e agem nas brechas da própria cultura patriarcal como estratégia para diferenciar seu trabalho. Elas empregam a seu próprio favor a imagem construída sobre elas como instrumento de dominação ([SOUZA DE OLIVEIRA, 2004](#)). [Bourdieu \(2009, p.74\)](#) já dizia sobre as mulheres que “esta espécie de negação à existência as obriga, muitas vezes, a recorrer, para se impor, às armas dos fracos, que só reforçam seus estereótipos [...]”.

Se por um lado elas se utilizam dos próprios estereótipos femininos, por outro elas também fazem uso de comportamentos ditos masculinos para se imporem no comando dos atletas.

Eu sou muito mais chata do que eu realmente sou. Eu tenho que ser muito mais chata com eles porque é aquela coisa assim, se é mulher, eles montam, sabe? Relaxam. Eu tenho que ser mais exigente... Às vezes eu tenho que gritar, eu tenho que xingar, coisas que para mim são desnecessárias. [...] Mas assim, autoritária, autoritária, eu não sou não (Informação verbal, Lívia, natação).

Verifica-se claramente uma mudança de atitude para afirmar autoridade frente aos atletas. [Souza de Oliveira \(2002\)](#) também constatou essa modificação de postura das técnicas com a finalidade de manter o controle e a disciplina do grupo. Portanto, para garantir uma boa liderança elas se utilizam tanto dos estereótipos femininos quanto dos masculinos. Como estratégia de comando, elas fazem uso da imagem tradicional da mulher sensível e maternal a seu próprio favor, a fim de cativar os atletas e estabelecer um bom relacionamento com eles. E, como há uma percepção de que o técnico deve ser um homem com postura firme e rígida, essas mulheres alteram seu padrão comportamental para cumprirem essa expectativa e se aproximarem da figura masculina. Para impor autoridade, elas se apropriam de características agressivas. Assim, por um lado elas reforçam sua feminilidade, mas por outro também buscam aspectos da masculinidade. Possivelmente essa contradição de ora migrar para o feminino, ora para o masculino causa alguns conflitos na percepção dessas treinadoras:

Eu posso dizer para você que eu sou disciplinadora, mas eu sou uma disciplinadora muito compreensiva, entende? [...] falam que eu sou muito autoritária, que é isso, que é aquilo. Então, é assim... eu não me acho autoritária. Eu me acho briguenta. (Informação verbal, Laís, basquetebol).

Outra imagem recorrente nas narrativas das mulheres foi o medo. Elas (n=5) se reportam ao que os atletas comentam como o fato de que eles sentem medo delas por julgarem que elas são bravas, disciplinadoras e brigentas. Estudos feitos sobre preferência de estilos de liderança ([LOPES; SAMULSKI; NOCE, 2004](#); [SONOO; HOSHINO; VIEIRA, 2008](#);) têm demonstrado que muitas vezes as percepções dos atletas e a autopercepção dos técnicos sobre sua liderança apresentam diferenças significativas.

Com relação a essa postura mais agressiva, transparece nas falas (n=2) que para a técnica, por ser mulher, ela não é aceitável. Essa não aceitação encontra fundamento na tradição do mito da beleza feminina. De acordo com ([KNIJNIK, 2003, p.58](#)), a mulher, “ao ser erguida a patamares intangíveis de beleza, [...] passa a ter uma especialidade, ‘ser bela’, e tudo o que afaste dessa ‘missão’, conforme os valores estéticos da época devem ser-lhe negado”. Assim, a imagem da mulher gritando, esbravejando e com gestos agressivos entra em confronto com o ideal do belo, como nos conta Zezé:

Errou uma, duas, aí na terceira eu já chamo, senão eu já tiro, mas não tem aquela coisa muito grosseira como muitos homens fazem e é normal fazer. Se a mulher fizer, se eu fizer já acham que estou agredindo (Informação verbal, Zezé, handebol).

A permanência no cargo de técnica

A que se atribui a permanência das mulheres no cargo de técnica? A partir das narrativas das informantes identificou-se que a credibilidade adquirida, o apoio de terceiros, as qualidades pessoais e a motivação de cada uma é o que as mantêm em atividade.

Ao ser indagada sobre qual a razão de continuarem no comando esportivo, a maioria delas (n=7) respondeu de forma semelhante. Para elas, a credibilidade adquirida é a principal responsável por permanecerem treinadoras. Foi por meio da demonstração de resultados que elas conquistaram espaço e respeito no mercado de trabalho esportivo. Essa necessidade de apresentar resultados existe para todos que estão no comando esportivo, independentemente se homem ou mulher, se ex-atleta de sucesso ou não. Rosicléia, como ex-atleta olímpica possuía credibilidade enquanto

atleta, mas para conquistá-la enquanto técnica teve que mostrar resultados.

Nas palavras dela:

E graças a Deus, esse caminho de vitórias do judô feminino acabou consolidando o meu estado de técnica. [...] O que deu credibilidade ao meu trabalho, quando eu falo meu é do posto de técnica, foram exatamente os resultados (Informação verbal, Rosicléia, judô).

Os resultados representam a prova da competência no treinamento e, à medida que foram surgindo, eles foram suprimindo a dúvida que as pessoas tinham em relação ao trabalho delas. Para Livia, isso foi visível nas competições que participava:

Mas a primeira vez que eu fui campeã brasileira, com o atleta meu que ganhou o Campeonato brasileiro, de repente todo mundo começou a me cumprimentar. Todo mundo não, a maioria dos técnicos (Informação verbal, Livia, natação).

Algumas treinadoras (n=8) acreditam que suas qualidades pessoais também contribuem para que se mantenham na posição de comando. Elas se consideram boas líderes, carismáticas, sensíveis, insistentes, persistentes, pacientes, comprometidas, empenhadas, determinadas, sérias e responsáveis. Similarmente, [Souza de Oliveira \(2002\)](#) identificou que as técnicas atribuíam sua trajetória de sucesso às suas qualidades. São elas: liderança, dedicação, competência, capacidade, determinação, amor pelo trabalho e disciplina.

Kátia Amanajás ressalta ainda a sua capacidade de controle emocional diante das situações:

Eu acho que eu sou insistente. [...] Eu prezo pelo grupo, me preocupo. [...] Eu não deixo essas dificuldades que acontecem no campo da emoção. [...] Então, eu tenho uma visão muito fria das situações e dificuldades que me aparecem. Eu me preparo e vou superando as dificuldades (Informação verbal, Kátia Amanajás, handebol).

Rosicléia conta que o apoio de pessoas da administração do seu clube e do Comitê Olímpico Brasileiro foi fundamental para a inserção e permanência dela enquanto técnica da Seleção Brasileira de judô e do Clube de Regatas do Flamengo. Como é técnica da seleção e precisa estar presente nas competições oficiais, muitas vezes ela se encontra ausente do clube. Contudo, Rosicléia possui o apoio do coordenador na direção do clube, o que permite que ela mantenha as suas atividades sem maiores problemas.

O que as mantêm como técnicas são os resultados obtidos, as suas qualidades como profissionais e o apoio de terceiros. Mas, o que as motivam na profissão são os sonhos, a satisfação em formar pessoas e atletas, e o amor pelo esporte. Mesmo sendo treinadoras de equipes de alto nível, constatou-se que a remuneração não é um fator motivacional na profissão. Isso só vem a confirmar a realidade esportiva brasileira em grande parte das modalidades, na qual o esporte é movido principalmente pela dedicação e boa vontade de algumas pessoas sem contar com uma estrutura bem definida e provida de recursos. É o que fica claro nas falas de Francisléia e Zezé:

Então é muito mesmo na boa vontade. [...] Então assim é muito... é mesmo porque gosto. [...] Trabalho porque gosto. [...] Mas é... eu falo que handebol para mim é prazer. [...] Então a satisfação que a gente tem é de eles chegarem na fase adulta e ver homens formados. É essa formação, de ver que aquela pessoa passou na sua mão [...]. Isso é muito importante (Informação verbal, Francisléia, handebol).

É muito por amor. O handebol principalmente. Mas a gente tenta, não é? Tem aquelas pessoas que não desistem. Quando desiste, termina de vez (Informação verbal, Zezé, handebol).

Para aquelas (n=5) que desenvolveram e ainda desenvolvem trabalhos junto às seleções brasileiras, o sonho olímpico constitui um dos maiores fatores de motivação:

Tracei meu primeiro objetivo era ganhar uma medalha olímpica, que era meu sonho de atleta e eu realizei esse sonho com a Katlyn em 2008. Até dei uma declaração que eu podia morrer naquele momento. [risos] Eu estava tão anestesiada com aquela sensação de realização que eu falei: eu já posso morrer. Mas aí você sempre sai dali querendo mais, não é? E o meu objetivo para agora, para olimpíadas é conseguir finalmente levar uma equipe completa, que eu não consegui (Informação verbal, Rosicléia, judô).

Rosicléia enfatiza as dificuldades que existem na carreira de treinadora, mas, apesar disso, recomenda-a e expõe sua realização profissional:

Eu estou muito feliz, muito realizada, não tenho arrependimento de nada, de toda essa doação. [...] Para as pessoas que realmente estão iniciando uma carreira de técnica, não desista. Não desistam porque... O caminho é duro, o caminho é árduo, é longo, mas é recompensador, é... quando você vê... Acho que é a mesma coisa de quando criar um filho, você vê aquilo sendo construído, crescendo e você fez parte daquilo tudo. Acho que é muito legal. Acho que vale tudo. Vale todo o percurso, vale toda a dor, todo o choro (Informação verbal, Rosicléia, judô).

Considerações Finais

Existe a percepção de que a carreira de treinador esportivo é exclusiva dos homens. As mulheres que pretendem segui-la já encontram a primeira grande barreira. Essa associação entre treinamento esportivo e masculinidade acaba dificultando a inserção de mulheres e gerando questionamentos sobre a competência daquelas que se engajam nessa profissão/ocupação. Entretanto, ainda que poucas, algumas mulheres vêm demonstrando que apesar das dificuldades e barreiras encontradas é possível para a mulher se inserir, ascender e permanecer na carreira de treinadora esportiva.

Ao analisar a trajetória de treze treinadoras, identificou-se que as principais vias de acesso utilizadas por elas foram a “condução” e o convite. Ambas as formas de inserção estão condicionadas à existência de um “tutor”. Esse dado alerta para a importância das mulheres ampliarem e manterem a

sua rede de contatos para se inserirem com maior facilidade no comando esportivo. O “tutor” facilita a inserção da mulher no cargo, contudo não é a única via de acesso.

A permanência das treinadoras no cargo é garantida principalmente pela credibilidade adquirida com a conquista de resultados. São as vitórias conquistadas as maiores responsáveis por elas continuarem no cargo. No entanto, é o amor pelo esporte, o sonho olímpico e a satisfação em formar atletas e seres humanos, o que as motivam a dedicarem sua vida à carreira de treinadora esportiva. Essa constatação é intrigante, pois como a maioria delas não está satisfeita com remuneração recebida, essa não se configura como um fator motivacional na carreira delas.

A carreira de comando esportivo no Brasil ainda se encontra voltada para os homens, o que não impossibilita a presença de mulheres. Elas se deparam com muitas barreiras e dificuldades para a inserção, ascensão e permanência no cargo, entretanto, encontram nos resultados alcançados, nas suas qualidades, no suporte de terceiros, na sua entrega e motivação para o trabalho os meios de conquistar seu espaço.

2.3 NOTAS SOBRE AS BARREIRAS ENCONTRADAS PELA TREINADORA ESPORTIVA BRASILEIRA

RESUMO

No Brasil, a representatividade de mulheres como técnicas esportivas é muito baixa. Essa situação parece ocorrer principalmente devido às grandes dificuldades que as mulheres precisam enfrentar para atuar nessa profissão. Este estudo teve como objetivo identificar e analisar as barreiras encontradas por técnicas esportivas brasileiras em sua carreira. Os sujeitos de pesquisa foram treze técnicas de oito modalidades. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada. As principais barreiras identificadas foram o domínio masculino, o preconceito, a dificuldade de aceitação de pais e atletas, o conflito da vida pessoal *versus* vida profissional, a baixa remuneração e o estereótipo de homossexualidade. Concluiu-se que as dificuldades elencadas limitam a presença de mulheres no comando esportivo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Women in coaching. Brazilian coaching. Gender issues.

INTRODUÇÃO

O esporte emergiu como parte de uma mudança “civilizadora” (DUNNING, 1992) e perpetuou o sistema patriarcal através da reafirmação da divisão sexual do trabalho. O espaço esportivo constitui campo fértil para a reafirmação e legitimação do poder e privilégio masculino (KIDD, 1990). Como prática de domínio dos homens, o esporte tornou-se um cenário de muitos conflitos e lutas sobre o que pode ser e fazer uma mulher. Para o público feminino, o envolvimento com o mundo esportivo se deu por meio de disputas por acesso a espaços e legitimidade (ADELMAN, 2006).

A participação esportiva feminina até bem recentemente foi crivada de entraves dos mais variados aspectos. No Brasil, as mulheres chegaram a enfrentar interdições, estabelecidas pelo Conselho Nacional do Desporto – CND: “Às mulheres não se permitirá prática de

desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessidades de instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). Em 1965, outra deliberação ratificava a proibição: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*” (BRASIL, 1965).

O processo de industrialização brasileira teve início na década de quarenta no século XIX e absorveu um grande número de mulheres como força de trabalho, principalmente nas indústrias de fiação e tecelagem (RAGO, 2001). Para participar do mundo do trabalho assalariado definido pelos homens como espaço masculino, as mulheres enfrentaram barreiras desde a variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual. Na divisão do trabalho, as mulheres executavam as tarefas menos especializadas e mal remuneradas, enquanto os cargos de chefia cabiam aos homens (RAGO, 2001).

A mulher brasileira encontrou muitos obstáculos na busca por acesso ao mundo do trabalho e também ao esportivo. Na intersecção desses dois espaços, esportes e mercado de trabalho, encontram-se as carreiras de comando esportivo, como por exemplo, a de treinadora.

A atual realidade da carreira de treinadora esportiva é um reflexo das mudanças e interações entre três grandes relações: mulher e família, mulher e trabalho e, mulher e esporte. As barreiras encontradas hoje pelas técnicas trazem consigo uma bagagem daquelas enfrentadas pelas mulheres na história enquanto atletas. As dificuldades, as tensões e conflitos, as interdições e proibições, bem como as concessões, transgressões e conquistas das mulheres atletas ao longo da história tem muito a nos dizer sobre a condição atual das treinadoras. Da mesma forma, a relação da mulher com o mercado de trabalho nos fornece apontamentos para compreender a divisão sexual dos cargos na instituição esportiva. A herança burguesa da segregação sexista dos espaços e funções, a entrada em massa das mulheres no espaço público no século XX, as mudanças que realmente aconteceram e aquelas que só existiram

aparentemente no campo da ordem social dizem muito sobre a atuação de mulheres em cargos de liderança e chefia, seja nas organizações ou nas beiras de quadras, campos e piscinas. Há que se considerar ainda a relação da mulher com a família. O ideal burguês com seu modelo de feminilidade (WHITAKER, 1993), embora já com menos força, ainda persiste nas mulheres do século XXI através do tradicional sonho do casamento e da maternidade, o que pode explicar em grande parte uma das principais barreiras enfrentadas hoje pelas treinadoras esportivas.

Inserido nesse contexto multifacetado, este estudo teve como principal objetivo identificar e analisar as barreiras enfrentadas por técnicas esportivas brasileiras em sua atuação profissional.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa.

A técnica de coleta de dados empregada na pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Essa opção justifica-se por se tratar de uma prática eficaz em dar conta do ponto de vista dos atores e em expor a experiência do entrevistado (POUPART, 2008). De acordo com Poupart (2008, p. 220), a entrevista é “um instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos sociais, as práticas discriminatórias ou de exclusão, e as iniquidades, de que podem se tornar objeto certos grupos considerados como ‘diferentes’, ‘desviantes’, ou ‘marginais’ (...)”.

A amostra do estudo foi composta por treze técnicas esportivas brasileiras atuantes em âmbito estadual, nacional e internacional, das seguintes modalidades: natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, futsal, futebol, handebol e basquetebol. Os sujeitos de pesquisa foram selecionados de acordo com a acessibilidade e conveniência.

Os procedimentos metodológicos abrangeram a assinatura de Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido pelas participantes, a aplicação de formulário de identificação, a entrevista propriamente dita, a transcrição da entrevista, a submissão do texto às informantes e por fim, a análise dos dados.

O formulário de identificação, de elaboração própria, foi aplicado antes da entrevista e visava obter informações para caracterizar o perfil de cada informante em termos de dados gerais, formação esportiva e acadêmica e, atuação profissional.

A entrevista, do tipo semiestruturada, continha questões que abordavam temas como a trajetória na vida esportiva, o acesso ao cargo de técnica, a atuação como técnica, as barreiras enfrentadas, as razões para permanência no posto e a opinião delas quanto à ausência de outras mulheres.

Após a transcrição e submissão do texto para as participantes, as respostas foram analisadas e interpretadas tendo como referência a técnica de análise categórica proposta por Bardin (2008). As entrevistas transcritas foram submetidas a uma leitura “flutuante” com o objetivo de detectar temas comuns e relevantes entre os discursos das mulheres. Como pressupõe a técnica adotada, foram estabelecidas unidades de análise e categorias temáticas úteis para alcançar o objetivo de pesquisa.

A participação das informantes se deu de forma voluntária. Todas autorizaram, em termo específico, a exposição de seus nomes verdadeiros e o uso de gravador. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa sob o ofício número 048/2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As principais barreiras encontradas nas narrativas das treinadoras foram o domínio masculino no campo de trabalho esportivo, o preconceito, a dificuldade de aceitação de pais e atletas, o conflito da vida pessoal *versus* a vida profissional, a remuneração e o estereótipo de

homossexualidade.

Esses obstáculos também foram encontrados na literatura internacional. Kilty (2006) analisou os conteúdos discutidos em conferências sobre treinadoras esportivas americanas e identificou a existência de barreiras externas e internas à inserção e ascensão de mulheres na carreira. As barreiras externas identificadas foram: o questionamento da competência feminina; a contratação por princípio da similaridade, ou seja, homens tendem a contratar homens; o estereótipo de homossexualidade; e, a falta de “tutores” para facilitar o acesso ao posto. Como barreiras internas foram encontradas: o perfeccionismo, gerando insegurança para assumir o cargo; a falta de assertividade; a inibição das realizações individuais; e, o conflito da vida pessoal com a profissão. Outro estudo americano identificou que as maiores dificuldades para as mulheres treinadoras são: adquirir respeito e credibilidade com atletas, pais e outros técnicos; recrutar atletas do sexo masculino; ser a única treinadora em seu contexto; e, estabelecer relação profissional com técnicos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010). Estudo feito na Universidade de Porto Rico verificou que no ambiente acadêmico-científico, as barreiras para o avanço de mulheres na carreira são a falta de políticas locais para promover a diversidade; discriminação e tratamento desigual para as mulheres; diferenças salariais e contratuais; conflito da vida pessoal da mulher com a profissão; falta de flexibilidade dos serviços de creche; falta de mulheres que possam servir de modelo para outras; sobrecarga de tarefas de trabalho; e, falta de habilidade das mulheres para negociarem o tempo de trabalho (RAMOS; SÁNCHEZ; DÍAZ, 2006).

O domínio masculino em campo

No comando esportivo, os homens constituem a grande maioria do efetivo. O público masculino ocupa em massa os cargos de administração esportiva, como também aqueles relacionados com o treinamento esportivo propriamente dito. O domínio masculino já está naturalizado ao ponto de existir a percepção de que a profissão de técnico esportivo deve ser

exercida apenas pelos homens. Ainda é resistente a noção patriarcal de que a masculinidade é pré-requisito para o treinamento e está intimamente ligada à liderança esportiva, desenvolvendo, por fim, a ideia de que treinar atletas é tarefa para homens e não para mulheres (STAUROWSKY, 1990). Assim, a associação do treinamento esportivo com a figura masculina é uma imensa e poderosa barreira para a aceitação das mulheres como técnicas (NORMAN, 2010).

As informantes (n=11) deixaram claro que a presença majoritária de homens no comando esportivo constitui uma barreira para a atuação delas. Mesmo com as equipes femininas em geral, são eles que estão à frente, o que se pode observar em todos os níveis de competições.

Já tentei entrar também no futebol e você não entra. Porque é homem que lida... E até com mulheres. São homens que lidam com as mulheres. Entendeu? Isso é fato. E você não vê e acho que não vai ver uma mulher dirigindo uma equipe de liga nacional de ponta masculina¹⁰. Você pode ver algumas sobreviventes no feminino. No masculino você não vê. Então isso eu acho que é uma discriminação sim em função das mulheres. (Zezé, handebol)

Janaína demonstra indignação ao apontar o predomínio de homens como técnicos das seleções brasileiras femininas:

Você vê quem treina a seleção brasileira de vôlei feminino, homem. A seleção de basquete feminino, homem. A seleção feminina de futebol, quem treina? Homem. Faz uma pesquisa em todos os times femininos que tem no Brasil, a maioria, 99% tem homem dando treino. Por quê? Por que o futebol foi feito para homem? Não foi. Futebol não foi feito para homem. Futebol foi feito para quem sabe jogar. Como treinador não foi feito para homem. Foi feito para quem tem capacidade de comandar. (Janaína, futebol)

De fato, nas seleções brasileiras de trinta e nove esportes encontramos mulheres como técnicas em doze deles. São dezesseis treinadoras distribuídas entre as modalidades de ginástica de trampolim, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica aeróbica, patinação artística, nado sincronizado, saltos ornamentais, *squash*, judô, *taekwondo*, vôlei de praia e atletismo. Como se

¹⁰ Zezé se refere à Liga Nacional de Handebol.

pode ver, grande parte dessas modalidades são aquelas ditas adequadas às mulheres. Das dezesseis técnicas identificadas, seis pertencem ao nado sincronizado e à ginástica rítmica, modalidades praticadas exclusivamente por mulheres. Percebe-se então, que quando é permitido o comando às mulheres, isso se dá majoritariamente nas práticas físico-desportivas consideradas essencialmente femininas. As mulheres estão mais propensas a serem treinadoras de esportes que possuem menor prestígio e *status* para os homens, como os individuais e os femininos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010). Reade, Rodgers e Norman (2009) constataram que mais homens treinam modalidades coletivas e as mulheres estão mais presente nas individuais. Para os autores, limitar as mulheres a atuarem em esportes tradicionalmente femininos e com atletas do sexo feminino consiste em uma maneira de marginalizá-las e de garantir a hegemonia masculina.

Na maioria das vezes, a técnica é a única mulher no cargo em sua realidade local, pois grande parte dos treinadores são homens. No próprio clube, nas competições, em cursos e na modalidade de atuação em geral, ela está sozinha representando o sexo feminino. Assim, ela lida sempre com homens, o que gera dificuldades.

(...) não é fácil. Não vou dizer que é fácil não. Porque a gente lida só com homem, a gente bate de frente com homem, não é? (Andréia, saltos ornamentais)

Duas informantes relataram que nas competições e cursos que elas participam não existem outras mulheres. Elas são sempre a exceção.

Sempre homens. 100% homens. Tanto na nossa equipe quanto nas adversárias, homens. [...] Tinha 100 homens e eu de mulher. Tanto é que eu sentava no fundo, porque eu sabia que o palestrante ia levantar a mão e perguntar para mim por que eu estava ali, como sempre acontecia. (Mariella, futsal)

Kanter (1993)¹¹ em sua teoria baseada no modelo organizacional descreve que a

¹¹ Rosabeth Moss Kanter desenvolveu em 1977 uma teoria postulando que existem três determinantes estruturais que são vivenciados diferentemente por homens e mulheres no ambiente de trabalho. Os determinantes são denominados por: oportunidade, poder e proporção (KANTER, 1993).

proporção das mulheres em relação aos homens no cargo é um dos três determinantes estruturais que podem explicar as diferenças entre os gêneros no ambiente de trabalho. De acordo com a autora quando um grupo sub-representado numa ocupação constitui menos de 15% do efetivo ele é encarado como mero símbolo. Ela descreve que esses grupos simbólicos vivenciam um isolamento das redes de contatos e em relação ao grupo dominante. A posição de minoria significa invisibilidade e falta de oportunidades (ANDINO; AMIGOT, 2001).

Nos Jogos Pan-americanos de 2011, a proporção de mulheres integrantes da comissão técnica brasileira foi de apenas 13% (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2012). Nesse sentido, utilizando o referencial teórico de Kanter pode-se considerar que as treinadoras brasileiras adquirem um *status* simbólico no comando esportivo nacional. Em um estudo americano, dez dentre quinze técnicas entrevistadas descreveram experimentar um *status* simbólico na profissão. Elas eram as únicas mulheres que treinavam equipes masculinas dentro da universidade, da modalidade e em encontros e conferências de técnicos esportivos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010).

O preconceito

Outra barreira encontrada nas falas das treinadoras (n=8) foi o preconceito. Elas sentem que existe sim uma discriminação em função do sexo.

O preconceito também foi identificado como uma barreira para a ação de treinadoras de voleibol brasileiras (ROMARIZ, 2008), de técnicas americanas (STAUROWSKY, 1990; BORLAND; BRUENING, 2010) e para o avanço de mulheres em posições de poder nas universidades porto-riquenhas (RAMOS; SÁNCHEZ; DÍAZ, 2006).

Segundo Camino et al. (2001) o preconceito pode ser visto como um processo social que se desenrola entremeio a relações de poder entre grupos. Nesse processo desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas, além de comportamentos hostis por parte de

um grupo majoritário em relação a membros de um grupo minoritário. O preconceito está presente nas relações de dominação entre grupos de identidades diferentes. Hall (2001) enfatiza que todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico e que elas estão estreitamente ligadas a lugares de práticas sociais específicas. Nesse sentido, o esporte, desde suas primeiras manifestações tem se caracterizado como um espaço fecundo para localizar e reforçar a identidade masculina.

O domínio masculino nos postos de comando esportivo parece propiciar a manifestação de preconceito em relação à presença de mulheres nesse ambiente. Nas palavras de Mariella:

Então, na hora que você fala que é uma mulher, que é ela que está à frente... É bem uma questão de preconceito. A gente está mexendo numa área, além do mais esporte, mais masculina, dominada. Então, a questão da dificuldade é maior por ser mulher. (Mariella, futsal)

Rosicléia conta que por ser mulher e jovem, ela enfrentou bastante preconceito, causando sofrimento e vontade de desistir da carreira.

Sofri muito preconceito por ter assumido uma seleção brasileira muito jovem. [...] Passei preconceito quando eu era atleta, passei preconceito quando eu me tornei técnica. [...] Foi muito complicado, foi bem complexo, muito duro. Tive momentos de vontade de desistir, de chorar muito e... “Meu Deus eu não vou aguentar.” Foi bem complicado [...]. A própria confederação é... Alguns membros não apostaram em mim com isso aí mesmo, de estar apostando em algo muito novo. [...] Então, eu entendo esse tipo de preconceito e esse tipo de receio. [...] mulher, mais nova, ocupando um lugar que sempre foi masculino. (Rosicléia, judô)

Kátia Amanajás denuncia que a discriminação sofrida pelas mulheres no handebol brasileiro é de tamanha proporção e visibilidade que quase chega a ser tangível.

O ambiente é muito machista. [...] Eu acho que o handebol brasileiro é extremamente machista. [...] Eu vejo os dirigentes na esfera nacional e os árbitros com comportamento que manifesta machismo. [...] a seleção feminina é maltratada em relação à masculina, as técnicas são colocadas em segundo plano. Atletas, técnicas, árbitras, todo mundo, sem exceção é colocada em segundo plano. [...] Já aconteceu quatro vezes de eu ser praticamente agredida no banco por delegados ou técnicos adversários. [...] É muito visível. É muito visível de eu ter que me defender assim quase que fisicamente. [...] Agora quando eu me deparo com pessoas que eu nunca vi, eu já penso assim: hoje vai ter. Porque eu vou falar com esse cara e ele vai virar para mim com o seguinte olhar: quem é você mulherzinha? De que buraco você saiu para estar falando assim comigo? É um desprezo, é uma

aversão tão visível que só falta você pegar no ar assim... (Kátia Amanajás, handebol)

Contudo, algumas entrevistadas (n=5) não se posicionaram como vítimas de preconceito. No discurso delas, além da ausência da discriminação emergiram estratégias de resistência, utilizadas para conquistar espaço e credibilidade. Souza de Oliveira (2002) e Romariz (2008) também constataram que algumas treinadoras brasileiras identificavam as barreiras de gênero e eram conscientes de seu funcionamento, enquanto outras não reconheciam a reserva masculina.

Dificuldade de aceitação dos atletas e pais

No início da carreira, duas informantes enfrentaram dificuldades para se firmarem como técnicas. Atletas e pais manifestaram resistência em reconhecê-las e aceitá-las na posição de comando.

Mas, às vezes assim, no início, os próprios pais... Eles olham o técnico de uma forma diferenciada. Sempre acham que o técnico... Por ser homem. [...] eu senti muita dificuldade quando eu substituí um técnico. [...] 'Ah é boa para escolinha, mas para treinamento tem que ser homem. Porque o homem...' Sabe aquela comparação [...]. (Marluce, natação)

No caso de Lívia, o fato de já ter nadado ao lado de seus atletas dificultou ainda mais o reconhecimento da autoridade dela como técnica. Ela sentiu a necessidade de modificar seu comportamento para se impor junto aos atletas:

Mas quando eu comecei, eu tinha que estourar muito mais, sabe? [...] Mas eu sou bem enérgica também com os meninos. Acho que o fato de no início ter que ser chata, de gritar, mas mais para falar: olha, acorda, eu não estou na piscina, eu estou do lado de fora. [...] Só era mais difícil quando eram os meninos mais velhos que aí, a idade muito próxima, a gente nadava junto, viajava junto, aí era complicado. (Lívia, natação)

Em seu estudo, Stauroscky (1990) verificou que as técnicas de equipes masculinas eram discriminadas e ouviam insultos por parte dos atletas e dos técnicos das equipes adversárias que não admitiam perder para mulheres. Inicialmente, houve uma aceitação geral dos pais, mas a resistência de alguns foi evidente. Alguns pais chegaram a desencorajar seus

filhos de treinarem com uma mulher alegando que poderia ser ruim para eles. Informantes do estudo de Kamphoff, Armentrout e Driska (2010) também relataram dificuldade para estabelecer credibilidade e respeito nos primeiros anos de atuação com atletas e pais. Algumas chegaram a dizer que existem atletas do sexo masculino que não jogariam para uma técnica mulher.

A dificuldade de aceitação de mulheres no comando de uma equipe provavelmente decorre da percepção de que a profissão de treinador esportivo é adequada para homens. Contrária a esse tipo de associação entre treinamento esportivo e masculinidade, Goellner (2007) argumenta que:

Não é o corpo ‘em si’ que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher nem mesmo se ela tem ou não capacidade para dirigir uma federação esportiva ou para treinar uma equipe de alto rendimento. É a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações. (p.189)

Portanto, não há incompatibilidade e incapacidade das mulheres para o exercício da profissão de treinadora. O que existe é a interiorização da reserva masculina nesse campo de atuação, fato que restringe e dificulta a inserção feminina no comando esportivo.

Conflito vida pessoal versus vida profissional

A dificuldade mais enfatizada pelas treinadoras (n=7) foi a de conciliar a vida pessoal com a profissão. Para elas, a maior barreira é conseguir conduzir bem a carreira com um relacionamento afetivo e o cuidado da casa e família.

A profissão de treinadora esportiva exige muita entrega e abdicção. No esporte competitivo, os treinamentos são diários e as competições ocorrem geralmente em finais de semana e feriados. As viagens são constantes. No caso das seleções brasileiras, os locais de treinamento exigem o deslocamento por alguns meses. Com isso, essas mulheres sentem imensa dificuldade em doar sua atenção e tempo para o trabalho e a vida pessoal.

Nas falas das técnicas foram encontradas três realidades quanto a essa situação. Em uma delas, a mulher faz a opção de não se casar e não ter filhos para não ter que lidar com essa tensão. Ela prefere abrir mão de constituir família e se dedicar apenas ao lado profissional. Na segunda, a mulher consegue fazer arranjos em função de seus familiares também estarem envolvidos com o esporte. A facilidade existe quando o filho é atleta na mesma modalidade e está junto nas competições, conseqüentemente traz consigo a atenção dos demais membros da família para aquele ambiente. A outra realidade é a das mulheres que vivenciam a dor e o sofrimento desse conflito. Elas se sentem culpadas e cobradas o tempo todo por não dedicarem atenção suficiente ao marido e aos cuidados dos filhos, bem como da casa.

Andréia conta que optou por se dedicar apenas à sua carreira de treinadora pela dificuldade que existe para a mulher em conciliar essa profissão com a vida pessoal e familiar.

Quando eu era mais nova eu optei pelo meu lado profissional. Porque realmente é muito difícil você ser mãe e é diferente porque a gente cuida da criança, a gente fica com o filho... Você ser mãe e ter que viajar toda hora. [...] Então o que acontece, meu dia era todo aqui. Tinha namorado? Tinha... Mas digo assim... Casar... Casar, tudo bem. Mas, ter filho? Eu optei pelo meu lado profissional porque eu sabia que não ia dar certo porque eu ia largar meu filho para sair viajando com meus atletas, não é? Criança pequena... Também não dava para levar porque é complicado, geralmente você está em alojamento, você está com atleta, o dia a dia é na borda da piscina. Então é questão de opção também. [...] Então eu nunca lidei com esse lado porque minha opção foi o trabalho, não foi casar e ter filhos. (Andréia, saltos ornamentais)

Outras técnicas parecem ter feito a mesma escolha. Oito delas não têm filhos, sete são solteiras e duas são separadas. Knoppers (1994) acredita que o fato de que técnicas mulheres são mais propensas que os homens a serem solteiras é decorrente dessa dificuldade em adaptar as responsabilidades do lar com aquelas relacionadas ao trabalho. Ao que parece, os homens são absolvidos por não dividirem todas as tarefas de casa e da família.

Essa tensão na vida dessas mulheres é encarada por Bourdieu (2009) como um reflexo da dominação masculina. O autor assinala que as relações estruturais de dominação sexual ficam claras quando observamos que as mulheres que atingiram os mais altos cargos têm que

pagar, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor sucesso na ordem doméstica. Ou, ao contrário, que a realização na vida familiar tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia parcial ou total à ascensão de carreira (BOURDIEU, 2009). Conforme ele, a divisão entre os sexos é o que parece estar na ordem das coisas.

Segundo Perrot (1988), o século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços. Definiu-se que o lugar das mulheres era a casa e sua função, a maternidade. Nesse período, ser dona de casa era a condição da maioria das mulheres (PERROT, 1988). Com a entrada das mulheres para o mercado de trabalho após as duas grandes guerras mundiais, essa realidade foi se modificando (PROBST; RAMOS, 2003; PFISTER, 2004). Às mulheres foi permitida a inserção no espaço público, entretanto, elas não foram eximidas do papel de mantenedoras do lar. Além disso, a inclusão feminina no mundo profissional não correspondeu a uma contrapartida masculina na divisão das tarefas domésticas (MENDA, 2004; VENTURINI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004). Quando elas acreditavam estar livres, estavam na verdade obedecendo a uma nova ordem social, de ser tudo ao mesmo tempo. De donas-de-casa, elas passaram a serem mães assalariadas com dupla-jornada (RIUS, 2006). Para a autora, subsiste uma violência de gênero invisível que é sustentada pelo fundamento da naturalização dos papéis femininos e masculinos e que conduz à desigualdade no âmbito familiar e profissional, na distribuição do poder e das responsabilidades domésticas. Portanto, como já dizia Whitaker (1993, p.80), “cabe somente à mulher conciliar o inconciliável: ser mãe, esposa, governanta, administradora da comida, serviçal dos filhos e, ao mesmo tempo, profissional”.

As informantes casadas e mães, após cumprirem a jornada de trabalho, dedicam seu tempo às tarefas domésticas. É a denominada dupla-jornada enfrentada por essas mulheres:

Eu falo que eu tenho... Agora eu vou para o meu terceiro turno, não é? Já dei meu primeiro, segundo e vou para meu terceiro. É complicado. [...] O homem geralmente vai chegar em casa e a esposa já fez tudo, não é? A mulher não. (Zezinha, natação)

As mulheres não experimentam da mesma forma que os homens a polarização entre o tempo de trabalho e não trabalho. Em 96% dos domicílios brasileiros em que residem mulheres, uma mulher é a principal responsável pela execução ou orientação dos afazeres domésticos, segundo dados da pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado” realizada no país em 2001 (VENTURINI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004). A desigualdade na divisão sexual do trabalho e o peso da dupla-jornada feminina podem ser vista através dos seguintes dados brasileiros: 93% dos homens são provedores, assim como o são 45% das mulheres; 96% das mulheres executam ou chefiam as tarefas domésticas, enquanto apenas 19% dos homens o fazem (VENTURINI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004). De acordo com essa pesquisa, as mulheres brasileiras dedicam em média 39 horas e 45 minutos semanalmente aos cuidados da casa e da família. Somadas às horas de trabalho remunerado, a dupla jornada feminina encontrada foi de 66 horas. Curiosamente verificou-se que 87% das entrevistadas concordam que os homens deveriam dividir igualmente o trabalho doméstico, entretanto 71% delas acredita que a mulher deve ter a palavra final ao definir como ele deve ser feito. Whitaker (1993) acredita que apesar de as mulheres queixarem-se da sobrecarga, elas não querem ceder aos homens parte do poder que elas possuem no que se refere ao espaço do lar.

Duas treinadoras entrevistadas encontraram uma forma de amenizar essa tensão. Elas tiveram a felicidade de seus filhos serem atletas e estarem próximos a elas no contexto esportivo. Elas não experimentaram grande sofrimento porque a família sempre teve uma vida esportiva ao lado delas. Elas não precisaram se abster de todos os momentos em casa, porque o marido e filhos estavam juntos no ambiente de trabalho delas. No caso de Francisléia, além de seus filhos serem atletas, seu ex-marido também era técnico, o que ajudou ainda mais. Marluce teve a sorte de seu filho ser atleta da mesma categoria em que ela trabalhava. À medida que ela mudava de equipe, ele também acompanhava. Como o marido comparecia às competições para prestigiar o filho, a família estava sempre reunida nas bordas da piscina. Isso facilitou, mas não eliminou o conflito. Para a técnica, ainda assim essa é a maior barreira:

Olha, a grande dificuldade de você trabalhar na parte competitiva é a questão assim: você e família, não é? A parte competitiva, ela tira muito você da família. As competições são em finais de semana, você tem que viajar [...]. Então, às vezes você não permanece na parte competitiva porque você começa a ficar cansada e poxa... Às vezes, num mês você tem duas competições. [...] Então, você trabalha sábado o dia inteiro. [...] Então, você já chegou cansada, não vai sair. Quer dizer, para sua família, aquele final de semana não existe, não é? Nem toda família se adapta bem a essa situação. [...] Essa parte família com a parte competitiva acho que é a maior dificuldade. É você conseguir conciliar e tudo caminhar bem, sem estresse. [...] Então, eu acho que a mulher para se manter na parte competitiva, tanto como técnica trabalhando, tanto como atleta é uma vencedora. (Marluce, natação)

Kátia Lemos, casada e mãe, sente o peso da culpa e cobra de si mesma:

E sem contar que eu me sinto extremamente, todo dia, cobrando: será que eu estou dando atenção para a minha família como eu deveria dar? Será que estou dando atenção para mim como eu deveria dar? E são questionamentos que com o passar do tempo vão ficando maiores. (Kátia Lemos, ginástica aeróbica esportiva)

Segundo Whitaker (1993, p.84), “o processo ideológico através do qual se culpa o oprimido pela opressão que sofre é muito forte no Brasil. E a mulher acompanha as explicações sexistas, internalizando a culpa.” A autora atribui essa facilidade das mulheres em sentirem-se culpadas ao processo educacional. As meninas são desde muito cedo superprotegidas, reprimidas e precisam cumprir seus papéis para serem amadas por seus entes. A ameaça de perder o amor daqueles que as rodeiam vive a atormentá-las.

Para muitas mulheres, a relação trabalho e família se apresenta de forma dicotômica. Principalmente quando ocupam cargos de liderança e chefia, elas experimentam a polarização do prazer-sofrimento (MENDA, 2004). Apesar de todas as mudanças sociais, ainda existe em muitas mulheres o sonho tradicional da maternidade e da constituição de família. Rosicléia sofre em não se dedicar mais do que gostaria ao casamento e mais ainda, por ainda não ter um filho. Ela se emociona ao expor o conflito permanente em que vive ao dar prioridade para sua carreira e adiar a maternidade tão almejada:

Caos total. Eu vivo um problema muito sério. O meu marido é muito guerreiro porque ele fica muito sozinho. [...] Então assim, me sinto super culpada. Sou super ausente. [...] Antes era uma vida de atleta, agora é uma vida de técnica. E eu passei logo, logo quando eu comecei a namorar eu

passei 45 dias fora. Então assim, foi um caos total. E continua sendo. Ele fala que não vai acostumar nunca. [...] Para mulher é muito complicado. E eu trabalho... E pior assim, eu viajo, trabalho com a seleção, quando eu volto eu tenho que cumprir minha agenda com o clube. E as competições acontecem sábado e domingo. [...] Tem dado certo, mas tem prazo de validade tudo isso, não é? [...] Eu me sinto culpada o tempo inteiro. O tempo inteiro eu me sinto culpada porque eu sou muito ausente. [emoção] O meu marido reclama... [...] Aí a gente fica assim: Meu Deus! Mas é duro. [emoção com choro] Porque é difícil. É difícil. Você abre mão de muita coisa, muita coisa. E tem que ir sem olhar para trás. Sem olhar para trás. Porque as pessoas cobram muito de você enquanto mulher. O tempo inteiro as pessoas: ‘e aí, vai ter filho quando? Vai ser avó?’ Isso é uma coisa que realmente me incomoda, sabe? [...] Você é cobrada o tempo inteiro. As pessoas esperam de você uma super mulher e você tem que estar bem o tempo inteiro. [...] Eu tenho que parar em algum momento para ter filho e tal. [...] Me sinto culpada, às vezes choro, será que vai dar tempo... Claro que eu quero ter um filho! (Rosicléia, judô)

Muitas atletas também se deparam com esse problema. Oscar Valporto (2006) narrou a trajetória de vinte mulheres brasileiras que participaram de Jogos Olímpicos. O autor conta que Mary Dalva, atleta de saltos ornamentais na década de 1950, aos 22 anos se casou e teve dois filhos. Em entrevista concedida, ela disse que: “O esporte precisa de corpo, coração e pensamento. Não dá para dar tudo isso com dois filhos para criar” (VALPORTO, 2006, p.47). Virna enfrentou dificuldade em viajar para longas temporadas fora de casa e chegou a pensar em largar o voleibol por causa do filho. Mônica Rodrigues, atleta de voleibol de areia sempre quis ter um filho, o que sempre adiou por causa do esporte. Arnaiz e Sanitá (2006) destacam que a maternidade implica um tempo diferente, principalmente para as mulheres. Os homens dispõem de mais tempo, enquanto as mulheres têm o seu reduzido em função do cuidado dos filhos. Por afetar o desenvolvimento profissional e exigir sacrifícios na carreira, muitas mulheres postergam a maternidade em prol de sua realização profissional.

Fasting (2004) acusa que a estrutura não considera a situação de vida das mulheres, o que na prática não deixa de ser uma forma de discriminação. Whitaker (1993) questiona até que ponto a sociedade garante às mulheres condições de se realizarem profissionalmente criando mecanismos que facilitem as tarefas da vida doméstica. Para a autora não basta o homem ajudar eventualmente. É preciso que o espaço doméstico seja verdadeiramente dividido entre homens e mulheres, o que implicaria num outro tipo de sociedade.

A remuneração

A baixa remuneração consiste em outro grande obstáculo para as treinadoras. Três delas sequer percebem qualquer valor monetário como recompensa de seu trabalho. Quando questionadas sobre o nível de satisfação em relação ao salário recebido, seis delas afirmaram estar insatisfeitas e duas em dúvida.

Os baixos salários fazem com que a carreira de treinadora esportiva não possa ser encarada pelas mulheres como uma profissão única. Existe ainda no meio esportivo brasileiro uma falta de profissionalização e reconhecimento quanto aos recursos humanos. O dado de que nove das treze entrevistadas possuem outra ocupação laboral ratifica essa situação. As técnicas brasileiras de esporte de alto rendimento e de destaque no panorama nacional são também professoras em escolas, universidades e projetos sociais, instrutoras de academia, *personal trainer* e funcionárias públicas. Para que se tenha uma noção da atual realidade brasileira, a técnica da seleção brasileira de saltos ornamentais atua também como instrutora de musculação em academia; a treinadora de handebol considerada a melhor do estado de Minas Gerais em 2011 possui três empregos e nenhum deles tem qualquer vínculo com a modalidade; a ex-técnica olímpica de natação e de clubes cariocas precisou acionar a justiça para receber salários atrasados.

A auxiliar técnica da seleção brasileira de handebol de areia reclama da situação:

[...] nem tanta dificuldade das pessoas, mas da remuneração como técnica. Reconhecimento pessoal eu tenho acho que bastante, aqui no Rio de Janeiro e até no Brasil. Mas, essa questão financeira peca muito [...]. (Zezé, handebol)

Rosane critica o sistema de pagamento convencionado na natação:

Pouco satisfeita. Insatisfeita. Eu acho que os critérios adotados são muito errados. Por exemplo, vou te dar um exemplo. O atleta ganha “x” mil reais e você ganha 20% do total do cara. [...] Não tem, não existe merecimento para uma pessoa só. Se o cara está subindo no pódio, você trabalha 50% e ele também. Eu não posso ser reconhecida 20% do que ele faz. E é assim que o mercado trata a gente, entendeu? É muito complicado. (Rosane, natação)

Ao que parece, não existe uma uniformidade no que diz respeito ao pagamento de treinadores esportivos no Brasil. Esportes individuais adotam critérios diferentes dos coletivos. A profissão de técnico parece não ser tratada com seriedade no país no que se refere à remuneração, no argumento das informantes.

Mariella lamenta nunca ter podido encarar as suas ações de técnica como uma profissão devido à falta de remuneração:

Bom, primeira coisa, ser treinadora é uma profissão. E a minha maior frustração nesse período todo é que isso nunca foi uma profissão para mim. Apesar de eu ter encarado sempre como uma profissão, nunca foi profissão. Ou seja, eu nunca vivi disso, eu nunca pude viver disso. Quando você vive disso, você se entrega 100%. Eu nunca pude me entregar de maneira como precisaria ser para atuar, por não ser uma não ter remuneração, não viver disso. [...] Uma grande dificuldade é essa, por não ser profissional. Tudo tem que ser profissional, menos o seu salário. (Mariella, futsal)

Resende, Mesquita e Romero (2007) realizaram um estudo com 231 treinadores de voleibol em Portugal, dentre homens e mulheres. Os autores constataram que 26,4% dos treinadores não recebem qualquer benefício econômico e que a maioria daqueles que têm remuneração, considera-na muito escassa ou escassa, enquanto que somente 22,4% revelaram estar satisfeitos. Nesse estudo a baixa remuneração era realidade tanto de homens como mulheres. Apesar dessa constatação, acredita-se que exista uma inferioridade dos salários femininos em relação aos masculinos. Entretanto, novos estudos são necessários no país para verificar essa hipótese.

O estereótipo de homossexualidade

Outra barreira, ainda que manifestada por apenas uma informante, mas não menos importante, é a atribuição do estereótipo de homossexualidade à treinadora esportiva. Acredita-se que essa é uma dificuldade que se apresenta às mulheres treinadoras, mas de forma velada.

Acho que tem estereótipo. Tem. E quase todas têm um estereótipo bem marcado que aproxima a figura da técnica da figura da homossexual. Então isso aí só faz piorar as coisas. Complica demais mesmo. Mas eu não acredito que se as técnicas fossem todas muito femininas, eu não acredito que isso ia

mudar muita coisa não. (Kátia Amanajás, handebol)

De acordo com Allport (1971, p.215), estereótipo é definido como “uma crença exagerada que está associada a uma categoria. Sua função é justificar (racionalizar) nossa conduta em relação a essa categoria”. Maisonneuve (1988) argumenta que o estereótipo constitui um meio de avaliação e de proteção contra uma possível ameaça. Ao praticarem esportes, as mulheres se deparam com mitos e estereótipos que tendem a prejudicá-las e mantê-las à margem do espaço esportivo. Segundo Pfister (2004), a ideia de que as mulheres pudessem perder a capacidade de procriar estava intimamente ligada ao receio de que pudessem tornar-se masculinizadas e, em consequência, afastarem-se da heterossexualidade. Giavoni (2002) destaca que os conceitos de masculinidade e feminilidade influenciam as práticas esportivas, principalmente quando as características da modalidade, assim como o biotipo resultante de sua prática contradizem as regras culturais relacionadas a estes conceitos. Através de seu estudo com nadadoras, a autora confirmou que esportes caracterizados pelo uso da força e agressividade quando praticados por mulheres e esportes com predomínio de beleza, suavidade e delicadeza quando praticados por homens, desencadeiam a aplicação de estereótipos sexuais. Isto porque as características da modalidade *versus* o sexo do praticante contrariam as construções sociais de masculinidade e feminilidade. Lenskyj (2003) assinala que as características de feminilidade são socialmente construídas a partir do estereótipo heterossexual da mulher atraente. Assim, aquelas que se comportam e se apresentam de uma forma que os homens julgam ser inapropriada e não atraente para uma mulher são taxadas como lésbicas.

Sobre o assunto Bourdieu (2009) nos diz que:

[...] a prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro [...], ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma, de corpo passivo e agido em corpo ativo e agente; no entanto, aos olhos dos homens, aquelas que, rompendo a relação tácita de disponibilidade, reapropriam-se de certa forma de sua imagem corporal e, no mesmo ato, de seus corpos, são vistas como ‘não femininas’, ou até como lésbicas [...]. (p. 83)

O rótulo de lesbianismo é usado para definir os limites aceitáveis de comportamentos

femininos na cultura patriarcal. Quando a mulher é rotulada de lésbica significa que ela está fora dos limites (LENSKYJ, 2003). Reade, Rodgers e Norman (2009) acreditam que a tendência de muitas técnicas esportivas de alto nível não se casarem e não possuírem filhos representa uma falta de indicadores tradicionais de heterossexualidade, o que daria suporte para a aplicação do estereótipo.

Segundo Griffin (2002) as principais manifestações de homofobia são o silêncio, a negação e a apologia. Busca-se não falar sobre e nega-se a existência da homossexualidade como forma de se esquivar da realidade. Ou ainda, por meio da apologia reafirma-se a feminilidade da mulher o tempo todo. A homofobia foi citada por técnicas americanas como uma barreira para a inserção delas no mercado (KILTY, 2006). Há uma suposição de que para os dirigentes esportivos é melhor contratar treinadores homens para evitar a preocupação de a treinadora ter orientação homossexual. De acordo com Lenskyj (2003), as homossexuais continuam sendo estigmatizadas, sexualmente perseguidas e silenciadas no contexto esportivo, assim como o esporte feminino continua sendo controlado e explorado nos interesses da hegemonia masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de treinadora esportiva se localiza na intersecção das relações da mulher com o mercado de trabalho, com a família e os esportes. De tal modo que as dificuldades encontradas pelas mulheres em cargos de liderança de qualquer natureza e ambiente se refletem naquelas com que as treinadoras esportivas se deparam.

As principais barreiras identificadas neste estudo foram o domínio masculino, o preconceito, a dificuldade de aceitação de pais e atletas, o conflito da vida pessoal *versus* vida profissional, a remuneração e o estereótipo de homossexualidade. Constatou-se que as técnicas esportivas adquirem um *status* apenas simbólico em seu ambiente, uma vez que estão sempre sub-representadas, constituindo a minoria. O preconceito se faz presente através da dúvida e

questionamentos vindos de atletas, pais, dirigentes e outros técnicos sobre a capacidade da mulher em comandar uma equipe esportiva. A insatisfação das técnicas com a remuneração recebida faz com que elas busquem outros empregos para complementar a renda, indicando que para a maioria delas o trabalho como treinadora esportiva não se caracteriza como profissão, mas apenas como uma ocupação. Novos estudos se fazem necessários para abordar especificamente o problema da remuneração obtida pelas mulheres em comparação com aquela recebida pelos homens. De forma isolada, o estereótipo de homossexualidade também se configurou como uma barreira para a permanência feminina no comando esportivo. Essa questão aparentemente silenciada suscita investigações a fim de verificar se realmente existe homofobia no contexto esportivo brasileiro.

Enquanto as mulheres tiverem que lidar sozinhas com as responsabilidades domésticas, somente as solteiras e sem filhos terão condições de ascender na carreira de treinadora esportiva sem estresse e sofrimento. Como precisam conciliar a vida pessoal e familiar com a vida profissional, as mulheres são levadas a se sentirem culpadas. Se por um lado elas têm a realização profissional, por outro, elas vivenciam a dor de não alcançarem o mesmo sucesso no cuidado da casa e da família. A necessidade de lidar com essa tensão entre uma vida profissional que requer muita dedicação com as tarefas domésticas e familiares parece ser o grande desafio da mulher brasileira que pretende ser treinadora.

São muitos os desafios enfrentados por essas técnicas brasileiras. Diante deles, é possível que muitas mulheres interiorizem a reserva masculina nessa profissão e acabem por aceitar a exclusão feminina e desistir da carreira. São poucas as que permanecem determinadas a transpor todos os obstáculos existentes. Desse modo, a representatividade de mulheres brasileiras como treinadoras esportivas parece estar travada em função do domínio masculino e das barreiras encontradas.

É preciso que os órgãos representativos do esporte nacional promovam novas políticas

com o intuito de convocar as confederações, federações e clubes para desenvolverem ações de redução dessas dificuldades que limitam a inserção, ascensão e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no país.

5. CONCLUSÕES GERAIS

A profissão de treinadora esportiva encontra-se na intersecção das relações da mulher com o mercado de trabalho, com a família e com os esportes. De tal modo, são muitos os aspectos que envolvem essa carreira.

Por meio da análise da trajetória esportiva das treze técnicas brasileiras que participaram deste estudo constatou-se que essas mulheres representam uma minoria feminina que conseguiu se inserir, ascender e permanecer nessa carreira ainda tão cerceada pelo domínio masculino.

O perfil das informantes evidenciou uma tendência das treinadoras a serem solteiras e não possuírem filhos. Essa constatação é coerente com uma das maiores barreiras enfrentadas pelas mulheres que se dedicam a essa profissão: o conflito da vida profissional com a vida afetiva e familiar. Também verificou-se que a grande maioria delas é ex-atleta. A trajetória como praticante no esporte permite a ampliação da rede de contatos da atleta e o enriquecimento de conhecimentos técnicos, o que parece facilitar a transição de carreira e a inserção de mulheres como treinadoras, principalmente através do sistema de “tutoria”.

Uma vez inseridas no comando esportivo, essas mulheres se deparam com obstáculos poderosos. Notou-se que o primeiro deles é a associação do treinamento esportivo com a masculinidade que existe na percepção das pessoas. O domínio masculino se encontra consolidado nessa carreira, o que propicia manifestações de preconceito e questionamentos em relação à presença feminina. São poucas as mulheres que conseguem se tornar treinadoras, assim, elas representam uma minoria, adquirindo um *status* apenas simbólico em seu ambiente, conforme argumenta Kanter (1993) em sua teoria. Adicionalmente, a treinadora enfrenta a tensão experimentada por mulheres que ocupam cargos de liderança e que possuem família. Essas mulheres se sentem na obrigação de cuidar das tarefas domésticas e dos filhos e não conseguem atender à demanda de tempo. Quando optam por um lado em detrimento do outro experimentam a dor e o sentimento de culpa. Elas sofrem por não serem boas técnicas, boas mães e boas esposas, simultaneamente.

O estereótipo de homossexualidade também parece ser um obstáculo, porém está presente de forma velada. O não-dito sobre esse tema suscita novos estudos, uma vez

que o silêncio pode ser uma forma de homofobia no ambiente profissional das treinadoras esportivas.

Mesmo diante de todas essas dificuldades, algumas mulheres, como as participantes deste estudo, continuam atuantes. Verificou-se que essa permanência no cargo é garantida principalmente pela credibilidade adquirida com a demonstração de resultados e por suas qualidades como profissionais. A motivação para o trabalho, ao que parece, é sustentada pelo amor ao esporte e pelas vantagens que ele proporciona indiretamente, como por exemplo, as viagens. Pois, mesmo sendo técnicas de equipes de alto nível, a remuneração não constitui um fator motivacional para elas. Isso porque o salário recebido não é satisfatório para elas e algumas não embolsam qualquer valor. Isso indicou que, em alguns casos, o trabalho dedicado ao treinamento esportivo deve ser considerado como apenas uma ocupação, e não uma profissão.

Por meio do levantamento quantitativo realizado com 259 federações esportivas brasileiras, constatou-se que as mulheres constituem apenas 7% dos treinadores filiados. Além disso, em 71,4% das federações consultadas existem somente homens como técnicos. Portanto, confirmou-se que no Brasil a representatividade feminina é muito baixa, podendo ser considerada uma presença simbólica. O objetivo principal do estudo foi elucidar quais as razões dessa baixa atuação de mulheres como treinadoras. Os resultados encontrados não encerram a discussão sobre a temática e podem ser considerados como ainda insuficientes para uma conclusão definitiva sobre o assunto. Os resultados forneceram apontamentos e evidenciaram a existência de um emaranhado de fatores interligados que se influenciam. A resposta obtida para a pergunta de por que existem poucas mulheres brasileiras atuando como treinadoras não é simples e pontual. A baixa representatividade feminina no cargo de treinadora esportiva pode ser explicada principalmente em função das grandes barreiras que as mulheres precisam enfrentar para romper o domínio masculino e se manterem na profissão e, da própria aceitação feminina dessa exclusão no comando esportivo. A necessidade de conciliar uma vida profissional que requer muita dedicação de tempo com as obrigações domésticas e familiares é o grande desafio e carga da mulher. Ao que indica, muitas mulheres, para não lidar com essa tensão preferem se eximir desse conflito e viver o sonho do casamento e maternidade. As dificuldades existentes para a treinadora são tantas que

algumas chegam a desistir da carreira e outras sequer chegam a representá-la como uma profissão atingível para elas. Essas mulheres parecem interiorizar a reserva masculina naturalizada no comando esportivo e aceitam a exclusão imposta a elas. Assim, são poucas as mulheres que buscam se inserir nesse contexto. Dessas poucas, um número ainda menor efetivamente atinge o cargo e permanece. E ainda, dessas treinadoras, algumas não conseguem suportar a carga e abandonam o esporte. Em função desse processo, a representatividade de mulheres como treinadoras vem sendo restrita a números simbólicos.

Portanto, conclui-se que a carreira de treinadora esportiva no Brasil se encontra travada para as mulheres em função do domínio masculino e das barreiras encontradas. Entretanto, algumas mulheres – ainda que em menor quantidade – têm demonstrado que é possível se inserir na profissão, progredir e permanecer. O aumento da representação de mulheres pode levar a novas perspectivas no mundo esportivo, já que elas possuem conhecimentos e valores diferentes. Para que isso ocorra, algumas ações são necessárias. Primeiramente, é preciso minimizar as dificuldades existentes para as mulheres, como por exemplo, oferecer boas oportunidades, promover o aumento da remuneração e encarar a função como uma profissão. É fundamental incentivar a ampliação das redes de contato femininas, o aumento da participação das mulheres na administração esportiva brasileira e na prática esportiva; garantir a permanência delas no esporte; estimular o aperfeiçoamento das profissionais, bem como investir na visibilidade feminina em diferentes funções e esferas esportivas. As jovens atletas precisam de modelos femininos para se espelhar no esporte. As mulheres precisam decidir por elas, por seus corpos e pelos rumos de suas práticas. Contudo, para que as mudanças de fato aconteçam, é imprescindível que toda essa discussão não seja somente teórica.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO GERAL

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. **Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva**. In: TOLEDO, L. H e COSTA, C. E. Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

LOBO, Márcia. **Uma história universal da fêmea: grandeza e submissão sexual da mulher ao longo dos séculos**. São Paulo: Religare, 2005.

KANTER, Rosabeth Moss. *Men and women of the corporation*. New York: Basic Books, 1993.

MANDELL, Richard D. **Historia Cultural del deporte**. Barcelona: Ediciones Belaterra, 1986.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro? (Novos contextos da tecnociência)**. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

A BAIXA REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES COMO TÉCNICAS ESPORTIVAS NO BRASIL

ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Linda. The Status of women in intercollegiate athletics. In: BIRREL, Susan; COLE, Cheryl. **Women, sport and culture**. Canada: Human Kinetics, 1994. p.111-118.

ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Linda. **Women in Intercollegiate Sport: a longitudinal, national study, thirty five year update 1977-2012**. Manuscrito não publicado. Disponível em: <<http://www.acostacarpenter.org/>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FELDER, Dennis; WISHNIETSKY, Dan. Role conflict, coaching burnout and the reduction in the number of female interscholastic coaches. **Physical Educator**, v.47, n.2, 1990.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Guia para a Imprensa: Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011**. Disponível em: <http://www.cob.org.br/guadalajara2011/media-guide/COB_mediaguide_port_2011v2.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2012.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Gender equality and leadership in Olympic bodies: woman, leadership and the Olympic Movement 2010**. International Olympic Committee and Centre for Olympic Studies and Research, Loughborough University, 2010. Disponível em: <http://www.olympic.org/Documents/Olympism_in_action/Women_and_sport/GENDER_EQUALITY_AND_LEADERSHIP_IN_OLYMPIC_BODIES.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2012.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <<http://www.olympic.org/women-sport-commission?tab=Advocacy>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

DAVIS, David. Sports Letter Interview: Sheila Robertson Explores the Challenges for Female Coaches. **Sports Letter**, p.10-13, 2010. Disponível em: <<http://www.sportsletter.org/sportsletter/2010/08/sl-interview-sheila-robertson-explores-the-challenges-for-female-coaches.html>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

FASTING, Kari. Papel da mulher em organizações esportivas nacionais e internacionais. In: DRINKWATER, Barbara L. (Ed.). **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p.354-361.

FERNÁNDEZ, Fe Robles; VENTURA, Kika Escobar. **Mujeres en los órganos de gobierno de las organizaciones deportivas españolas 2002-2006**. Madrid: Comissão Mulher e Esporte, Comitê Olímpico Espanhol, 2007. Disponível em: <<http://www.mujoydeporte.org/documentos/ESTUDIO%20MUJERES%20EN%20LOS%20ORGANOS%20DE%20GOBIERNO%20DE%20LAS%20ORGANIZACIONES%20DEPORTIVAS%20ESPA%C3%91OLAS%202002-2006.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.359-373.

HJÄLM, Sören; KENTTÄ, Göran; HASSMÉNAN, Peter; GUSTAFSSON, Henrik. Burnout Among Elite Soccer Coaches. **Journal of Sport Behavior**, v.30, n.4, 2007.

KAMPHOFF, Cindra; ARMENTROUT, Suzannah; DRISKA, Andrew. The Token Female: Women's Experiences as Division I Collegiate Head Coaches of Men's Teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, v.3, p.297-315, 2010.

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

KILTY, Katie. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v.20, p.222-234, 2006.

KNOPPERS, Annelies. Gender and the coaching profession. In: BIRREL, Susan; COLE, Cheryl. **Women, sport and culture**. Canada: Human Kinetics, 1994. p.119-133.

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria. Mulheres na Administração Esportiva Brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.305-317.

NORMAN, Leanne. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, v.81, n.4, p.506-518, dez. 2010.

PFISTER, Gertrud. As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, Bárbara. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2004. p.3-15.

PINTO, Carla. **Mulheres e desporto: caracterização da participação na direção nas federações olímpicas portuguesas**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

PIRES, Daniel Alvarez; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antônio. A síndrome de Burnout no esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.147-153, 2005.

READE, Ian; RODGERS, Wendy; NORMAN, Leanne. The Under-Representation of Women in Coaching: A Comparison of Male and Female Canadian Coaches at Low and High Levels of Coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.4, n.4, 2009.

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro?** (Novos contextos da tecnociência). 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ROMARIZ, Sandra Bellas. As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento. In: FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.

SANTOS, Renato. **Desigualdade de rendimentos e discriminação por gênero no Brasil em 1999**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

STEIL, Andrea. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, v.32, p.62-69, 1997.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

A CARREIRA DA TREINADORA ESPORTIVA NO BRASIL

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999/2009.

BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; AKEL, Maria Christina Samuel do Amaral Andrade; GUISELINI, Maria Aparecida Nery; MARTINI, Luis de Andrade; NASTÁS, Marisa Agresta. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v.8, n.1, p.49-58, jan. 2000.

COELHO, Juliana. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. O Brasil nos Jogos. Disponível em: <http://www.olympic.org/uk/sports/index_uk.asp>. Acesso em: 02 dez. 2011.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <<http://sp.beijing2008.cn/venues/>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries. História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. In: TURINI, Márcio; DaCOSTA, Lamartine (Orgs.). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**, v.2. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. p.291-321.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p.389-412.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.359-373

JAEGER, Angelita Alice; GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias de mulheres em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.1, p.245-267, 2010.

KAMPHOFF, Cindra; ARMENTROUT, Suzannah; DRISKA, Andrew. The Token Female: Women's Experiences as Division I Collegiate Head Coaches of Men's Teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, v.3, p.297-315, 2010.

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1977/1993.

KILTY, Katie. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v.20, p.222-234, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

LOPES, Mariana; SAMULSKI, Dietmar; NOCE, Franco. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.12, n.4, p.51-55, 2004.

MESSNER, Michael; SABO, Don. Toward a critical feminist reappraisal of Sport, men and the gender order. In: MESSNER, Michael; SABO, Don (Eds.). **Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign: Human Kinetics, 1990. p.1-15.

MIRAGAYA, Ana. A mulher olímpica: tradição versus inovação. In: TURINI, Márcio; DaCOSTA, Lamartine (Orgs.). **Coletânea de textos em Estudos Olímpicos**, v.2. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria. Mulheres na Administração Esportiva Brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.305-317.

NORMAN, Leanne. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, v.81, n.4, p.506-518, Dez. 2010.

PARGA, Érica Jordane; SOUSA, Jimi Hendrex; COSTA, Maria Conceição; FERREIRA, Silvia Lúcia. Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v.14, n.1, p.111-118, abr, 2001.

PFISTER, Gertrud. As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, Bárbara. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2004. p.3-15.

POUPART, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROMARIZ, Sandra Bellas. As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento. In: FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis. **Anais... 8º FAZENDO GÊNERO**. Florianópolis: UFSC, 2008.

SELLTIZ; Claire; JAHODA; Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. Coleta de dados. In: SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SONOO, Christi Noriko; HOSHINO, Elton Fernando; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Liderança esportiva: estudo da percepção de atletas e técnicos no contexto esportivo. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n.2, p.68-82, 2008.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. Rio de Janeiro: UGF, 2002. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. Mulheres enfrentando o desafio da inserção, ascensão e permanência no comando de equipes esportivas de alto nível. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p.319-335.

STAUROWSKY, Ellen. Women coaching male athletes. In: MESSNER, Michael; SABO, Don (Eds.). **Sport, men and the gender order**: critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics, 1990. p.163-170.

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fabio Mazon; GARRIDO, Fernando. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. SENAC São Paulo: São Paulo, 2007.

WHITSON, David. Sport in the social construction of masculinity. In: MESSNER, Michael; SABO, Don (Eds.). **Sport, men and the gender order**: critical feminist perspectives. Champaign: Human Kinetics, 1990. p.19-29.

NOTAS SOBRE AS BARREIRAS ENCONTRADAS PELA TREINADORA ESPORTIVA BRASILEIRA

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: corporalidades e subjetividades**. Trabalho apresentado no XIX SEPE - Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação / I Erebio – Reunião da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – Regional Sul. Universidade Federal do Paraná, 2006.

ALLPORT, Gordon W. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: EUDEBA, 1971.

ANDINO, Susana e AMIGOT, Patricia. Género y estatus académico: La Carrera docente y La participación em puestos de responsabilidad de las mujeres. In: SEDEÑO, Eulalia Perez e CORTIJO, Paloma Alcalá. **Ciencia y género**. Facultad de Filosofía de

La Universidad Complutense: Madrid, 2001. P.25-30.

ARNAIZ, María Elena e SANITÁ, Maria del Carmen. El derecho de la mujer al protagonismo, em el mundo global. In: SENEÑO, Eulalia Pérez; ALCALÁ, Paloma; GONZÁLEZ, Maria I.; VILLOTA, Paloma; ROLDÁN, Concha y SANTESMASES, Maria Jesús (coord.). **Ciencia, tecnología y gênero em Iberoamérica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. P. 197-207.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5ed. São Paulo: Edições 70, 2008.

BORLAND, John F. e BRUENING, Jennifer. Navigating barriers: A qualitative examination of the under-representation of Black females as head coaches in collegiate basketball. **Sport Management Review**, Vol. 13, N. 4, p. 407, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRASIL, Conselho Nacional de Desportos – **Deliberação nº 07 de 1965**. Brasília – DF, 1965.

BRASIL. **Decreto Lei nº 3199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União: Rio de Janeiro, 1941.

CAMINO, Leoncio; SILVA, Patrícia.; MACHADO, Aline e PEREIRA, Cícero. A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica. **Revista de Psicologia Política**, v. 1, p. 13-36, 2001.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Guia para a Imprensa: Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011**. Disponível em: < http://www.cob.org.br/guadalajara2011/media-guide/COB_mediaguide_port_2011v2.pdf> Acesso em 25 de fevereiro de 2012.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e suas transformações. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. P.389-412.

FASTING, Kari. Papel da mulher em organizações esportivas nacionais e internacionais. In: DRINKWATER, Barbara L. (Ed.). **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. P.354-361.

GIAVONI, Adriana. Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 2, p.27-32, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres, e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Revista Movimento**, v.13, n.2, p. 171-191, 2007.

GRIFFIN, Pat. Changing the Game: Homophobia, Sexism and Lesbians in Sport. In: SCRATON, Sheila e FLINTOFF, Anne (ed.). **Gender and sport: a reader**. New York: Routledge, 2002. P.193-208.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KAMPHOFF, Cindra S.; ARMENTROUT, Suzannah M. e DRISKA, Andrew. The Token Female: Women's Experiences as Division I Collegiate Head Coaches of Men's Teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, 2010, 3, 297-315

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

KIDD, Bruce. The Men's Cultural Centre: sports and dynamic of women's oppression/men's repression. In: In: MESSNER, Michael A. e SABO, Donald F. **Sport, me and the gender order: critical feminist perspectives**. Human Kinetics: Champaign, 1990. P.31-43.

KILTY, Katie. **Women in coaching**. The Sport Psychologist. V. 20. P.222-234, 2006.

KNOPPERS, Annelies. Gender and the coaching profession. In: BIRREL, S e COLE, C. **Women, sport and culture**. Canada: Human Kinetics, 1994. P. 119-133.

LENSKYJ, Helen Jefferson. **Out on the Field: gender, Sport and sexualities**. Toronto: Women's Press, 2003.

MAISONNEUVE, J. **A Psicologia Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MENDA, Patrícia Burksztejn. **Análise da dicotomia sofrimento e prazer na função gerencial feminina**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

NORMAN, Leanne. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, V. 81, N. 4, p. 506-518, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PFISTER, G. As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, Bárbara L. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2004. Pág. 3 – 15.

POUPART, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R. e PIRES, A. **A Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PROBST, Elisiana Renata e RAMOS, Paulo. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Revista Leonardo** Pós Órgão de Divulgação Científica e Cultural do IPCG, 1,n.2. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2012.

RAGO, Margareth. **Os Mistérios do Corpo Feminino, ou as Muitas Descobertas do Clitóris**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 25, p. 181-195, 2002.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. P.578-605

RAMOS, Idalia, SÁNCHEZ, Yaniria e DÍAZ, Edwin. Programa para el avance de las mujeres em la Facultad de Ciencias de la Universidad de Puerto Rico em Humacao. In: SENEÑO, Eulalia Pérez; ALCALÁ, Paloma; GONZÁLEZ, Maria I.; VILLOTA, Paloma; ROLDÁN, Concha y SANTESMASES, Maria Jesús (coord.). **Ciencia, tecnologia y gênero em Iberoamérica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. P. 351-359.

READE, Ian; RODGERS, Wendy e NORMAN, Leanne. The Under-Representation of Women in Coaching: A Comparison of Male and Female Canadian Coaches at Low and High Levels of Coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 4, 2009.

RESENDE, Rui; MESQUITA, Isabel e ROMERO, Juan Fernández. Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de voleibol em Portugal. **Revista Digital EF Deportes**, Buenos Aires, v. 12 , n. 112, 2007.

RIUS, Lourdes Fernández. Género y mujeres académicas: hasta donde la equidad? In: SENEÑO, Eulalia Pérez; ALCALÁ, Paloma; GONZÁLEZ, Maria I.; VILLOTA, Paloma; ROLDÁN, Concha y SANTESMASES, Maria Jesús (coord.). **Ciencia, tecnologia y gênero em Iberoamérica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. P. 55-66.

ROMARIZ, Sandra Bellas. **As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento**. In: FAZENDO GÊNERO, 8, 2008, Florianópolis. Anais do 8º FAZENDO GÊNERO. Florianópolis: UFSC, 2008.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela Aragão. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

STAUROWSKY, Ellen J. Women coaching male athletes. In: MESSNER, Michael A. e SABO, Don F. (ed.). **Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign: Human Kinetics, 1990. P. 163-170

VALPORTO, Oscar. **Atleta, substantivo feminino: vinte mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

VENTURINI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Suely (org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

CONCLUSÕES GERAIS

KANTER, Rosabeth Moss. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

5. APÊNDICES

5.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TÉCNICA

Entrevistador: _____

Entrevistada: _____

Data: ___/___/___

Horário e duração da entrevista: ___:___ _____

Local: _____

QUESTÕES

1. Conte-me sobre sua trajetória como atleta no esporte.
2. Como você se tornou técnica?
3. Conte-me como é a sua atuação como técnica.
4. Quais são as dificuldades encontradas em ser técnica:
 - a. Quanto ao comando da equipe
 - b. Quanto à relação com dirigentes, equipe de trabalho e torcida.
 - c. Quanto a questões pessoais (uso do tempo, dupla-jornada).
5. Você acredita que o fato de ser mulher influencia na sua carreira como técnica?
Se sim, de que forma?
6. A que você atribui a sua permanência no cargo de técnica?
7. A quais motivos você atribui o fato de haver tão poucas mulheres no comando de equipes esportivas brasileiras.
8. Na sua opinião, o que é necessário para aumentar o número de mulheres em cargos dessa natureza?
9. Você conhece outras mulheres que atuam nesse cargo?

Fique à vontade para contar qualquer fato que você considera marcante em sua atuação como técnica.

5.2 FORMULÁRIO - PERFIL DAS TÉCNICAS

DADOS GERAIS

1. Idade: _____
2. Estado civil: () Solteiro () Casado () Separado
3. Número de filhos: _____
4. Grau de escolaridade: () Superior () Especialização () Mestrado () Doutorado

FORMAÇÃO ESPORTIVA E PROFISSIONAL
--

5. Curso superior: _____
6. Ano de formação: _____
7. Tipo de instituição de formação: () Pública () Particular
8. Com que frequência você participa de cursos e/ou congressos relativos ao esporte?
() Nunca () Raramente () Eventualmente () Anualmente () Mais de 1 vez por ano
9. Você foi atleta? () Sim () Não
10. Se sim, de qual modalidade?
11. Quais os títulos você conquistou como atleta?

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

12. Modalidade de atuação: _____
13. Jornada de trabalho semanal: _____
14. Você já atuou/atua como técnica de equipes de qual categoria?
() Feminina () Masculina () Ambas
15. Equipe (s) de atuação e categoria por idade:

16. Há quanto tempo você atua/atuou como técnica? _____
17. Você possui outra ocupação além de técnica esportiva? () Sim () Não
18. Se sim, qual? _____
19. Quais títulos você já conquistou como técnica?

20. Você se sente realizada profissionalmente? () Sim () Não
21. Em relação à sua remuneração pelo cargo de técnica esportiva, você está: ()
Muito insatisfeita () Insatisfeita () Em dúvida () Satisfeita () Muito Satisfeita

5.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa “A ATUAÇÃO DE MULHERES COMO TÉCNICAS ESPORTIVAS NO BRASIL”, no caso de concordar em participar, favor assinar ao final do documento. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador responsável, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

Título da pesquisa: A atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil

Pesquisador responsável: Heidi Jancer Ferreira

Email: hfjancer@yahoo.com.br

Endereço: Rua dos estudantes, nº 90, apt 32 – Centro, Viçosa - MG

Telefone: (31) 9864 1078 / (31) 3892 2937

- 1. OBJETIVOS:** O objetivo deste estudo é compreender quais são os reais motivos que limitam a atuação de mulheres no cargo de técnica esportiva em equipes do Brasil.
- 2. PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Se você concordar em ser voluntária dessa pesquisa, a sua participação será através da concessão de uma entrevista e do preenchimento de um questionário. Se você estiver de acordo, essa entrevista será gravada.
- 3. RISCOS E DESCONFORTOS:** Todos os procedimentos acima não acarretarão nenhum tipo de desconforto ou risco às participantes.
- 4. BENEFÍCIOS:** As participantes não terão nenhum benefício.
- 5. CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** As voluntárias dessa pesquisa não terão custos e não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.
- 6. DIREITO DOS INDIVÍDUOS DE RECUSAR-SE A PARTICIPAR OU RETIRAR-SE DO TRABALHO:** A participação no trabalho é voluntária, e aos indivíduos confere-se o direito para recusar-se a participar do estudo ou retirar-se do trabalho.

Eu, _____,
RG nº _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informada pela pesquisadora – Heidi Jancer Ferreira - dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

LOCAL E DATA: _____

NOME DO PARTICIPANTE: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL: _____

5.4 TERMO DE AUTORIZAÇÃO E CESSÃO DE DIREITOS DE IMAGEM E SOM

Eu, _____,
inscrito no CPF sob o nº _____ e RG nº _____,
autorizo o uso de gravador de som, máquina fotográfica e/ou filmadora durante a
entrevista, bem como o uso da minha imagem e voz para fins de publicação científica da
pesquisa intitulada “A atuação de mulheres como técnicas de equipes esportivas no
Brasil”.

Em relação à minha identificação nas minhas falas que possivelmente poderão
ser publicadas, eu declaro estar _____ (em acordo/ em desacordo).

A presente autorização é firmada, sem qualquer restrição de prazo, a título
gratuito, pelo que nenhum pagamento será devido pela pesquisadora ao autorizante, a
qualquer _____ tempo _____ de _____ título.

LOCAL E DATA: _____

NOME DO PARTICIPANTE: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____

6. ANEXO

6.1 OFÍCIO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-000 - Telefone: (31) 3899-1269

Of. Ref. N° 048/2011/Comitê de Ética

Viçosa, 29 de abril de 2011.

Prezado Professor:

Cientificamos V. S^a. de que o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, em sua 3^a Reunião de 2011, realizada nesta data, analisou e aprovou, sob o aspecto ético, o projeto de pesquisa intitulado *A atuação de mulheres como técnicas de equipes esportivas no Brasil*.

Atenciosamente,

Professor Ricardo Junqueira Del Carlo
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Vice-Presidente em exercício

Professor
José Geraldo do Carmo Salles
Departamento de Educação Física

/rhs.